

A BANDEIRA VERMELHA CAVALGA NA REVOLUÇÃO

Rubén Trejo

El único dilema ante nosotros es este: implantar la Bandera Roja en México o perecer en el intento. Obtener Tierra y Libertad para todos o morir en la lucha [...] Para los liberales, Tierra y Libertad o muerte.

Antonio de Pío Araujo

O EXÉRCITO LIBERAL MEXICANO: BATALHAS DA UTOPIA

A participação militar dos liberais, entre novembro de 1910 e março de 1911, é provavelmente um dos aspectos menos estudados da Revolução Mexicana, e faz parte da história militar magonista a ser escrita. Entre novembro de 1910 e fevereiro de 1911, como bem sustenta Cockcroft, os pelemistas ajudaram de maneira importante a manter o ímpeto da revolução, proporcionando armas, homens e vitórias no campo de batalha. De fevereiro a maio de 1911, ocorreram triunfos armados importantes para maderistas e magonistas. Nosso propósito é expor os êxitos e as derrotas, os sonhos e as divisões de um exército que se chamava a si mesmo de libertário, que tinha o ideal de conquistar o bem-estar e a liberdade para todos.

Durante a primeira semana da revolução, difundiram-se notícias de levantes armados em vários estados da República.¹ No entanto, parecia que os maderistas não resistiriam ao embate federal e que sua ação se limitava a alguns grupos guerrilheiros no estado de Chihuahua. Por outro lado, a versão oficial sustentava que a insurreição era uma invenção da imprensa sensacionalista e que os rebeldes estavam limitados a Ciudad Guerrero, Chihuahua.²

No dia combinado para iniciar a insurreição, se levantaram em armas os magonistas Luis A. García e Heliodoro Olea, em Bachinva, Chihuahua. Eles se apoderaram do lugar e posteriormente marcharam para o sul a fim de unirem-se com o

1 Em vários lugares da República, diversos grupos armados se levantaram em armas em 20 de novembro: em San Isidoro, Hidalgo del Parral, Santo Tomás, Bachinva, Batopilas e Carichí, Chihuahua; Saltillo, Coahuila; nas minas de San Pedro, San Luis Potosí; Gómez Palacio, Durango; em Orizaba e Río Blanco (Portilla, Santiago, y Teresa Franco, *Triunfo de la revolución maderista. Del Plan de San Luis Potosí a la renuncia de Porfirio Díaz*, INEHRM, 1985, México, p. 17).

2 AHGE.LE-953.

filho de Pascual Orozco.³ Em Río Blanco, Veracruz, os rebeldes atacaram o quartel do 15º batalhão. O ataque foi rechaçado pelo exército federal e foram presos os guerrilheiros Onofre García, Isabel Gómez, Concepción Peña, Enrique Cipriano e Darío Ruíz, acusados de estender no alto do morro uma bandeira vermelha.⁴

Os liberais temiam que a repressão contra os antirreelecionistas em Puebla, também a impossibilidade dos insurgentes de resistirem ao avanço dos soldados federais e a prisão de maderistas, provocasse o fracasso da insurreição em seus primeiros dias, e frustrasse os planos originais de incorporarem-se à rebelião.⁵

A Junta Organizadora, apesar do fracasso inicial, continuou os trabalhos para apoiar “um segundo movimento insurrecional do maderismo” que não era “impossível e seria triste que então, como nesta vez, nos pegasse de surpresa, despreparados e sem dinheiro.”⁶ Os liberais, assim, aceleraram os preparativos e enviaram delegados especiais para percorrer diversas partes do México, a fim de que coordenassem e afinassem a organização das guerrilhas magonistas.

Dezembro

Nos primeiros dias deste mês, o balanço para os liberais foi diferente: alguns grupos guerrilheiros não haviam sido derrotados e o fogo da revolução ameaçava estender-se para todo país. De fato, segundo Ricardo Flores Magón, “na posse de melhores dados, podemos dizer que o movimento continua e é preciso reforçá-lo.”⁷ Igualmente, informava que grupos liberais se encontravam já no campo de batalha.⁸

A Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano levou a público, em 3 de dezembro, um documento em que expunha seus objetivos e os meios para alcançá-los. Este documento, que depois da convocatória de 3 de setembro de 1910, era o pronunciamento mais relevante dessa organização, sustentava que sua luta não era para elevar ninguém à Presidência da República. “Ao povo – dizia o texto – compete nomear

3 Almada, Francisco R., *La revolución en el estado de Chihuahua*, INEHRM, 1964, México, p. 176.

4 AHDN, XI/481.5/310, f. 16-24, 29-30, 42, 43.

5 Ricardo Flores Magón, “El Partido Liberal y la revolución de Madero”, em *Regeneración*, Núm. 14, 3 de dezembro de 1910.

6 Ricardo Flores Magón, “La revolución maderista”, em *Regeneración*, Núm. 13, 26 de novembro de 1910. O fracasso inicial se explicava, na concepção dos magonistas, porque os maderistas, ao predicar o pacifismo, não trabalharam o suficiente para preparar a luta armada.

7 Ricardo Flores Magón, “A la acción”, em *Regeneración*, Núm. 15, 10 de dezembro de 1910.

8 Ricardo Flores Magón, “La revolución continúa en todo el país”, em *Regeneración*, Núm. 15, 10 de dezembro de 1910.

seus amos, se assim desejar.”⁹ Os pelemistas propunham obter as mais amplas liberdades para o povo, sobretudo a liberdade econômica, base de todas as demais. Propunham derrubar a tirania política e, simultaneamente, o capitalismo porfirista para arrancar das mãos dos burgueses a terra e distribuí-la entre os mexicanos. Os magonistas eram partidários de uma revolução que realizasse dois objetivos: destruir o velho regime e o sistema capitalista ou, como diziam, fazer em uma revolução o que se teria que fazer em duas.¹⁰

Os pelemistas estavam cientes de que seu programa de revolução social e econômica era muito amplo, por isso afirmavam ser possível reduzi-lo ao seguinte: “Terra para todos, pão para todos, liberdade para todos.”¹¹ Para eles, conquistar terra, pão, bem-estar e educação para todos levaria à obtenção de outros bens. O trabalho da terra por e para todos, sem os capitalistas agrários, traria consigo o desaparecimento dos outros setores da burguesia (industriais e comerciantes) e os políticos, por conta das circunstâncias insurrecionais.

Em meados do mesmo mês, a Junta Organizadora informou que novos integrantes se filiaram à organização, que os trabalhos do partido se fortaleciam e em breve estariam concluídos. Uma vez terminados os preparativos “a Junta se constituirá em território mexicano para se colocar a frente do grandioso movimento. Os trabalhos de organização exigem a segurança da Junta no momento atual, pois se a Junta fosse feita prisioneira, os trabalhos ficariam interrompidos.”¹²

Ao sul da República, o governador de Tabasco, general Abraham Bandala, notificava sobre o ataque revolucionário em Cárdenas, em 24 de dezembro “e na madrugada do dia seguinte ao grito de: Viva Santanón!”¹³ Ao que parece, o temido Santanón vencia batalhas mesmo depois de morto.

O cônsul de El Paso, Texas, comunicou que Práxedes G. Guerrero se encontrava na cidade e que depois de permanecer três dias, “saiu rumo ao leste num trem da estrada de ferro Texas and Pacific”.¹⁴ De fato, nessa cidade de fronteira, o segundo secretário da Junta Organizadora constituiu uma guerrilha de 22 revolucionários. No grupo havia

9 “Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano”, em *Regeneración*, Núm. 14, 3 de dezembro de 1910.

10 Chama a atenção que esta ideia foi pega de Benito Juárez; sobre essa concepção, ver Ricardo Flores Magón, “Para después del triunfo”, em *Regeneración*, Núm. 22, 28 de janeiro de 1911.

11 “Junta Organizadora...”, *op. cit.*

12 Ricardo Flores Magón, “La organización del Partido Liberal”, em *Regeneración*, Núm. 16, 17 de dezembro de 1910.

13 AHDN, XI/481.5/278, f. 22-29.

14 AHGE.LE-624.

velhos companheiros de armas e novos insurgentes. Entre os veteranos das batalhas de Las Vacas e de Palomas, figuravam Prisciliano Silva, Lázaro Alanís, Julián Álvarez, Jesús Longoria, Calixto Guerra e José Inés Salazar. Entre os insurgentes recém-incorporados constam Juan Ortiz, Benjamín Silva (hijo de Prisciliano), Jesús Ruiz, Luz Mendoza, Rafael Campa, Cenobio Orozco, Rodrigo M. Quevedo e Lázaro Gutiérrez de Lara.¹⁵

Em 19 de dezembro, o grupo rebelde abandonou os Estados Unidos e ingressou no estado de Chihuahua, passando por Ciudad Juárez. No dia 22 às nove horas da noite, 30 “revoltosos” chegaram na fazenda de Cruz González, próxima a este povoado, e tomaram os rifles e sete cavalos. A coluna magonista, se dizia, “levava boas armas, bastante provisão e bombas de dinamite.”¹⁶ Um dia depois, a guerrilha liberal tomou um trem misto procedente de Ciudad Juárez. Após desarmar a escolta e desembarcar os passageiros, colocaram a locomotiva em movimento na direção sul.¹⁷ Os revolucionários iam destruindo as pontes que encontravam no caminho para impedir que os federais os perseguissem. Nesse dia, Guerrero enviou um telegrama para a Junta Organizadora no qual informava: “Até hoje sem novidades. A Estrada de Ferro da Nordeste sem pontes. Voluntários se unindo a nós.”¹⁸ Depois de juntarem mantimentos e cavalos na Estação Guzmán, partiram rumo a Sabinal, onde um reforço de 20 guerrilheiros se uniu a eles. No dia 25, outra vez na Estação Guzmán, se dividiram em dois grupos, um dirigido por Práxedes e outro por Prisciliano Silva.

Guerrero tomou o povoado de Corralitos em 27 de dezembro; um dia depois, reivindicou, sem êxito, a rendição de Casas Grandes e posteriormente partiu rumo a Janos, todos vilarejos do distrito de Galeana. Na noite do dia 29, e logo depois de exigir a rendição da localidade – exigência que o prefeito aceitou de maneira enganosa – os revolucionários começaram o ataque.¹⁹ Janos caiu em mãos rebeldes em 30 de dezembro. Contudo, na manhã deste mesmo dia, Práxedes G. Guerrero morreu em circunstâncias poucos claras.²⁰

15 Martínez Núñez, *op. cit.*, p. 222

16 AHGE.LE-620.

17 AHGE.LE-621. Segundo Santiago Portilla, Práxedes inaugurou a tática, que depois se tornou comum na revolução, de tomar trens para fins guerrilheiros. (Portilla, *op. cit.*, p. 298).

18 Práxedes G. Guerrero, telegrama, 23 de dezembro de 1910, publicado por Antonio I. Villarreal, “Los insurgentes predominan en Chihuahua”, em *Regeneración*, Núm. 18, 31 de dezembro 1910.

19 AHDN, XI/481.5/60, f. 922, 979.

20 Existem diferentes versões sobre como aconteceu a morte de Práxedes. Ethel Duffy Turner sustenta que uma bala acidental de um de seus companheiros matou-o, ao ser confundido com um espião quando subiu no teto de uma barraca para fazer um reconhecimento (Turner, E. D., *Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano*, México, 1984, p. 219). Martínez Núñez sustenta que Práxedes

A morte de Práxedes foi um golpe duro para o PLM. Sem ele, a tendência anarquista no partido perdeu um teórico de importância primordial, um excelente escritor, e um de seus braços militares mais experientes. “Práxedes era a alma do movimento libertário – segundo Flores Magón. Sem vacilar, posso dizer que Práxedes era o homem mais puro, mais inteligente, mais abnegado, mais corajoso com que contava a causa dos deserdados, e o vazio que deixa talvez não se preencha nunca. Onde encontrar um homem sem ambição alguma, todo cérebro e coração, corajoso e ativo como ele?”.²¹ Provavelmente, o acontecido afastou a esperança de que a Junta Organizadora pudesse se mudar para o México para dirigir diretamente as operações militares. Com isso, se perdeu a oportunidade de centralizar a luta armada, requisito fundamental para se ter eficácia no campo de batalha.

Janeiro

A Junta Organizadora tornou público, no começo deste mês, suas “Instruções Gerais aos Revolucionários”, com 12 artigos. Entre outros aspectos, sublinhava que todos os membros e simpatizantes do partido estavam obrigados a prestar ajuda moral, pecuniária ou material na luta contra o despotismo; os liberais dispostos a empunhar armas “deverão alistar-se rapidamente”; os militantes que estão na luta armada emitirão uma proclamação assinalando que o objetivo da revolução era implantar o programa de 1906; os soldados rasos liberais receberiam “um peso diário livre de gastos”, as classes, oficiais e chefes, receberiam renda superior ao garantido pela ditadura a seus militares; recomendava que “sempre que possível, as patentes dos chefes deveriam ser outorgadas pelos companheiros que formavam os grupos que eles comandariam”; advertia que todo abuso dos rebeldes contra a população seria “rigorosamente reprimido”; nas zonas dominadas pelos insurgentes, as autoridades do despotismo seriam julgadas e receberiam as penas que “por seus crimes, mereçam”; finalmente afirmava:

Para evitar choques com as forças maderistas, os grupos liberais devem tratar com toda correção os grupos maderistas, tentando atraí-los para a bandeira liberal através da persuasão e da fraternidade. A causa do Partido Liberal é diferente da causa maderista, por ser a

recebeu um tiro no olho direito quando subiu num terraço para se opor ao ataque dos soldados (*op. cit.*, p. 236). Enrique Flores Magón dá outra versão: Práxedes expunha ao povo de Janus os ideais do PLM, quando “de repente, no meio da apaixonada exposição, se ouviu um disparo, e Prax caiu, com uma bala no meio da cara” (Kaplan, *op. cit.*, T. 2, p. 52). ver também *El Imparcial*, de 18 de janeiro de 1911.

21 Ricardo Flores Magón, “Práxedes G. Guerrero ha muerto”, em *Regeneración*, Núm. 20, 14 de janeiro de 1911.

liberal a causa dos pobres; mas em determinados casos, seja para a resistência ou para o ataque, as duas forças podem se unir e permanecer unidas pelo o tempo que dure essa necessidade.²²

Em meados deste mês, os liberais operavam em Ascención, Ramos (perto de Janos), e em Galena, Chihuahua.²³ Algumas guerrilhas eram dirigidas por Leónidez Vázquez (Guerrero o nomeou chefe substituto), Prisciliano G. Silva, Cenobio Orozco, Tomás Loza, Leónidez Zapata e José C. Parra. Vários desses rebeldes e suas milicas atuavam junto às forças antirreelecionistas. Um grupo de insurgentes, entre os quais se destacavam Antonio Carrasco, Eduardo González (recém-libertado de San Juan de Ulúa), um espanhol anarquista e quatro estadunidenses, tomou o rancho La Frontera, no município de San Ignacio, Distrito de Bravos, em 23 de janeiro.²⁴ O chefe da segunda zona militar relatou o ataque revolucionário à praça de Guadalupe e pediu apoio para desalojar os rebeldes de Antonio Carrasco e Lázaro Alanís de San Ignacio e Guadalupe.²⁵

De fato, a guerrilha de Lázaro S. Alanís, que participou do grupo original do Práxedes Guerrero, tomou San Ignacio e o rancho Las Banderas, no final de janeiro. A doze milhas a sudeste de San Ignacio, enfrentou com êxito 200 soldados federais. No final desse mês, sua coluna tinha crescido significativamente: passou de 20 homens para 300 revolucionários com boas cavalgadas e armas suficientes.²⁶ Segundo Villareal, Alanís realizou movimentos admiráveis e rápidos, estabelecendo seu acampamento a doze milhas de Ciudad Juárez. Procedente da região de Ojinaga, onde colheu triunfos, o chefe liberal se incorporaria posteriormente ao ataque contra Ciudad Juárez.

O magonista Luis García, agora a frente de 800 insurgentes, foi convidado por Abraham González a unir-se a Pascual Orozco para atacar Ciudad Juárez. Com as forças dos dois grupos rebeldes combinadas, atacaram o povo de Galena, em 19 de janeiro. Uma semana depois García e Cenobio Orozco tomaram, após uma dura batalha de dois dias, o povoamento de Buenaventura.²⁷

22 “Junta Organizadora del PLM”, 8 de janeiro de 1911, em *Regeneración*, Núm. 20, 14 de janeiro de 1911.

23 Antonio I. Villarreal, “La insurrección es incontenible”, em *Regeneración*, Núm. 21, 21 de janeiro de 1911.

24 *El Imparcial*, 8 e 10 de fevereiro de 1911.

25 AHDN, XI/481.5/61 f. 1003, 1059, 1120.

26 Antonio Villarreal, “Los generales de Díaz no saben pelear”, em *Regeneración*, Núm. 24, 11 de fevereiro de 1911. AHGE.LE-677; AHGE.LE-625. *El Imparcial* de 5 de fevereiro de 1911 afirmava que as forças de Alanís chegavam a 600 homens.

27 Portilla, *op. cit.*, p. 335; Almada *op. cit.*, p. 192-193.

No dia 28, as guerrilhas combinadas de Leónidez Vázquez e do antirreelecionista Casillas derrotaram, perto de Galenas, as forças federais do coronel Rábago, depois de uma batalha de cerca de 60 horas. As perdas federais chegaram a 200 soldados.²⁸

Um dia depois, o editor do *Regeneración*, Anselmo L. Figueroa, recebia o seguinte telegrama: “Mexicali em nosso poder. Até hoje sem novidades. José Maria Leyva.”²⁹ Éste e Simón Berthold, com mais 30 liberais, tomaram o povo de Mexicali e, sem encontrar resistência, se apoderaram do quartel, abriram a cadeia e confiscaram os fundos existentes na aduana e em outros escritórios do governo. Assim começava uma campanha local que duraria vários meses e que teria resultados desiguais para os liberais.

Os pelemistas de Veracruz, Pedro A. Carvajal, os irmãos Salas, José María Gómez e Cândido Donato Padua, se levantaram em armas nesse mês. Carvajal capturou San Juan Evangelista, posteriormente tomou Sayula e em Chapoapan combateu sem êxito os rurais. Ao norte de Acayucan, Padua fracassou em seu ataque a Chinameca, e José Gómez foi ferido e capturado.³⁰ Carvajal se dirigiu então a Tabasco para se somar aos maderistas encabeçados por Gutiérrez Gómez.

Flores Magón sustentava, no fim do mês, que “até agora há guerrilhas liberais somente em Sonora, Chihuahua, Coahuila, Tlaxcala, Veracruz, Oaxaca, Morelos e Durango”³¹ e exortava que novos grupos se colocassem em ação para fortalecer o movimento liberal.³²

Fevereiro

Nos primeiros dias do mês, revolucionários oaxaquenhos pegaram em armas e tomaram os povoados de Tuxtepec, Ojititlán e Jalapa de Díaz. Nesse último povoado, capturaram o prefeito, o procurador e o presidente da Câmara Municipal. O chefe

28 Antonio I. Villarreal, “Viva la revolución”, em *Regeneración*, Núm. 22, 28 de janeiro de 1911. Na mesma nota, Villarreal cita o *Los Angeles Times*, que informava que na batalha de Galeana os federais sofreram 180 baixas e 40 feridos.

29 Anselmo L. Figueroa, “Derrota tras derrota sufre la dictadura”, em *Regeneración*, Núm. 23, 4 de fevereiro de 1911. AHGE.LE-842; AHGE.LE-625. No dia 29 de janeiro, o chefe político do Distrito Norte do então território de Baja California, Celso Vega, informava para a Secretaria de Governo sobre a conquista de Mexicali; Arquivo Geral de Nación, Ramo Gobernación/4a 910-11 (8). Adiante, AGN/RG. Os números correspondem à seção, os anos e a caixa, respectivamente.

30 *El Imparcial*, 24, 25, 27 y 30 de janeiro de 1911; e também AHDN, XI/481.5/311, f. 29-31.

31 Ricardo Flores Magón, “Hay que fomentar la revolución”, em *Regeneración*, Núm. 21, 21 de janeiro de 1911.

32 *Idem*. O cônsul de El Paso, Texas, sustentava em 20 de janeiro de 1911: “Se sabe que Ricardo Flores Magón tem um grande número de delegados distribuídos por toda fronteira do Texas, que estão pedindo aliados para a Junta Revolucionária para que peguem em armas contra o governo mexicano” (AHGE.LE-625).

político de Tuxtepec queria atacar os rebeldes num local chamado Paso de Canoa. No entanto, não efetuou o ataque pois o número de revolucionários era maior. “A frente do movimento insurrecional de Oaxaca se encontrava – segundo Villareal – Sebastián Ortiz, antigo membro do Partido Liberal.”³³

Prisciliano G. Silva enviou, nos primeiros dias do mês, um comunicado de guerra em que informava a Ricardo Flores Magón o seguinte: no dia 6, a frente de 100 homens, havia tomado Zaragoza, Chihuahua e a fazenda de San Agustín. No dia seguinte ocupou, com pouca resistência das autoridades, o povoado de Guadalupe. Em 11 de fevereiro, o guerrilheiro informava, em um segundo comunicado, este remetido do Campo de Operações do Exército Liberal em Guadalupe: “Tenho hasteada, neste povoado, a bandeira vermelha com nosso querido lema ‘Terra e Liberdade’”.³⁴

No dia 15, as forças liberais dirigidas por Leyva e Berthold travaram uma batalha contra os soldados federais comandados pelo coronel Vega. Depois de combater por três horas, o Exército Libertário causou 30 baixas nos federais, entre feridos e mortos, incluindo o próprio coronel. Na debandada, vários soldados federais cruzaram a fronteira até Caléxico, Estados Unidos. A Secretaria de Guerra e Marinha afirmou que o número de revolucionários era 250 e admitiu somente quatro mortos na derrota.³⁵ “Este foi – sustenta Ricardo Flores Magón – o primeiro combate de nossos camaradas na Baja Califórnia. A bandeira vermelha tremula vitoriosa em Mexicali, ostentando o lema ‘Terra e Liberdade’, que é a santa aspiração dos libertários mexicanos.”³⁶

Dias antes, as autoridades estadunidenses enviaram para Simón Berthold as seguintes determinações: não permitiriam que nenhum insurgente cruzasse a linha divisória, nem autorizariam compras de armas ou mantimentos do seu lado da fronteira. “Os insurgentes, dizia o texto, que passem para os Estados Unidos serão presos e desarmados.”³⁷ No entanto, tais determinações eram apenas parte das ações que as autoridades de Washington estavam dispostas a tomar para cuidar de seus interesses na

33 Antonio I. Villarreal, “Los generales...”, *op. cit.*

34 Antonio I. Villarreal, “La guerra en México”, em *Regeneración*, Núm. 25, 18 de fevereiro de 1911; nessa parte, Silva informava que seus três filhos estavam em campanha: Benjamín na coluna de Leónidez Vázquez, Raúl com Alanís e o mais novo com ele.

35 AHGE.LE-637; informe do coronel Celso Vega, 21 de fevereiro de 1911, AGN/RG, 4a 910-11 (8); neste arquivo existem vários mapas que descrevem a batalha do dia 15, ver também *The Arizona Republican*, 16 de fevereiro de 1911, BMLT, A.88675 T. XXXVI, V. 2.

36 Ricardo Flores Magón, “La primera victoria de las armas liberales en Baja California”, em *Regeneración*, Núm. 25, 18 de fevereiro de 1911; neste escrito se aceitou três baixas liberais, todos antigos militantes do International Workers of the World (IWW).

37 Disposições transcritas por Ricardo Flores Magón. “Ao povo americano”, em *Regeneración*, Núm. 25, 18 de fevereiro de 1911. Apesar dessas disposições, o cônsul do Arizona se queixava de que continuavam passando armas e munições (AHGE.LE-842).

península mexicana. Em 19 de fevereiro, o cônsul de Caléxico informou que o general Bliss (comandante do Departamento Militar da Califórnia) havia recebido ordens do governo estadunidense para permitir a entrada de “uma força de até 200 homens sob o comando do coronel Vega, a partir de Yuma até qualquer ponto conveniente ao ataque de Mexicali”.³⁸

A cooperação que as autoridades estadunidenses ofereceram era ainda mais importante: a embaixada do México nos Estados Unidos informou que o Departamento de Estado estava muito preocupado em proteger as obras do Rio Colorado contra as depredações dos insurgentes liberais e, ao menos que obtivesse segurança de outra forma, “o governo dos Estados Unidos estaria preparado para colaborar com o governo mexicano, usando suas próprias forças militares para o objetivo comum.”³⁹ O governo mexicano respondeu agradecendo à oferta e informando que apenas o senado poderia conceder a permissão para a entrada das forças estadunidenses em território nacional. Em contrapartida, a fim de defender as obras do mencionado local, ordenou que o coronel Vega lá instalasse suas tropas, e solicitou que o exército dos Estados Unidos protegesse a fronteira, para que “não passem homens, armas e para que se aplique rigorosamente as leis de neutralidade.”⁴⁰

Como representante do general Díaz, o embaixador do México em Washington, Joaquín D. Casasús, se encontrou com o presidente dos Estados Unidos, que manifestou a necessidade de enviar tropas americanas para proteger as obras do Rio Colorado. Joaquín D. Casasús respondeu que não era necessário mobilizar o exército estadunidense e que o governo mexicano “considerava que isso alienaria a opinião pública, causando-nos danos gravíssimos”. O embaixador propôs enviar tropas mexicanas ao Rio Colorado “e como me disse [o presidente Taft], precisávamos de rápidos meios de comunicação para levar tropas para Caléxico, perguntei a ele se neste caso seu governo poderia permitir a passagem de nossas tropas por seu território, para ir a Caléxico, ele respondeu que apoiaria uma resolução favorável e que amanhã teria um encontro privado com o gabinete, onde proporia uma mensagem sobre os gastos no Texas, caso se chegue a solicitar permissão por parte de nosso governo.”⁴¹

38 AHGE.LE-842. *El Imparcial*, 15 de fevereiro de 1911.

39 AHGE.LE-637.

40 AHGE.LE-637.

41 Telegrama de J.D. Casasús ao secretário de Relações Exteriores, 14 de fevereiro de 1911, em Fabela, Isidro, *Documentos históricos de la Revolución Mexicana*, Vol. V, FCE, 1964, México, p.138.

Quais foram os motivos de levaram o Departamento de Estado a oferecer cooperação bélica direta para combater as forças liberais? Além da defesa de seus interesses geoeconômicos, é possível que os Estados Unidos, por razões estratégicas, decidiram combater o flanco que vinha obtendo mais triunfos militares até aquele momento na Revolução;⁴² também é provável, e talvez mais importante, que procurassem destruir no campo de batalha o anarquismo pelemista, que havia se transformado numa força fundamental da insurreição mexicana. A operação militar não se realizou. Não obstante, a partir desse momento, o governo do país das barras e estrelas tomou para si novamente a tarefa de reunir documentos comprometedores com o objetivo de acusar a Junta Organizadora de violações das leis de neutralidade.⁴³ Os governos de Díaz e de Taft viam os revolucionários ácratas como simples corsários, piratas e ladrões, e mantiveram uma política de cooperação para dismantelá-los politicamente e prender seus líderes.⁴⁴

Em 22 de fevereiro, o consulado de Yuma informou que um dia antes cerca de 60 integrantes do Exército Liberal, dirigidos por William Stanley e majoritariamente estadunidenses, haviam assaltado a aduana de Algodones, Baja Califórnia.⁴⁵ Os rebeldes tinham atuado por conta própria, sem conhecimento do chefe Leyva.⁴⁶ Dias depois, cerca de 50 magonistas encabeçados por José Cardoza, assaltaram o acampamento de obras hidráulicas, perto do Rio Colorado. Os guerrilheiros “[...] obtiveram provisões,

42 Segundo Cumberland, até fins de fevereiro: “A força revolucionária (maderista) estava concentrada, em grande parte, numa pequena porção de Chihuahua, e nem sequer ali havia tomado a cidade. Os rebeldes não dominavam ainda nenhum ponto de entrada ao país. Seu exército não havia imposto nenhuma derrota real para as forças do governo, e no melhor dos casos os revolucionários estavam livrando uma guerra de guerrilhas. Madero necessitava uma vitória importante”(Madero y la Revolución Mexicana, *op. cit.*, p. 153).

43 O Departamento de Justiça enviou um agente especial para realizar o registro minucioso de prisioneiros, feridos e mortos, da luta na Baja Califórnia para encontrar documentos e dados que “oportunamente se apresentem aos tribunais deste país”. (AHGE.LE-652)

44 Francisco León de La Barra sustentava desde 1909: “Ricardo Flores Magón confessava que ele e seu partido eram claramente anarquistas e seu objetivo era estabelecer uma comunidade anarquista no México, é de se convir que a aliança entre os revoltosos mexicanos deste país e os elementos socialistas ou anarquistas dos Estados Unidos é um fato, e que devemos prepararmo-nos para resistir a um ataque combinado destes bastardos, em cuja luta creio que terá que nos ajudar o governo americano por própria conveniência”; comunicado de León de la Barra ao secretário de Relações Exteriores, El Paso, Texas, 30 de março de 1909. BMLT, A. 88675, T. XXXVII, V.1.

45 AHGE.LE-842; ver também *The Arizona Republican*, 22 de fevereiro de 1911, em BMLT, A.88675, T. XXXVI, V.2.

46 Taylor, Lawrence Douglas, *La campaña magonista de 1911 em Baja California*, El Colegio de la Frontera Norte, 1992, México, p. 87-88; Stanley, segundo Lawrence, foi integrante do exército dos Estados Unidos e membro dos IWW. Ver também o informe do cônsul do Arizona para Salado Alvarez, 10 de março de 1911, em AGN/RG. 4A 910-11 (8).

armas, mantimentos e muitos recrutas entre os trabalhadores. Depois se dirigiram para o Golfo da Califórnia”.⁴⁷

Até o fim do mês de fevereiro, havia forças magonistas na costa de Sotavento, Veracruz. Esses grupos revolucionários atuavam em Coatzacoalcos, Minatitlán e San Juan Evangelista.⁴⁸ Em El Presidio, Veracruz, 50 “revoltosos” pegaram em armas, dirigidos por Ricardo López, que militava com os liberais desde a revolta de 1906.⁴⁹ Nesses dias, em Oaxaca, “os liberais de Ojotitlán continuavam em posse desse importante povoado.”⁵⁰

Um grupo de 16 magonistas foi perseguido pelo coronel Ogazón, prefeito do Distrito de Altar, Sonora, em 22 de fevereiro. Dias depois o coronel Ogazón os alcançou e os derrotou, tomando como prisioneiros Jesús Rivera, Alberto B. Piña, Rosendo A. Dorame, José Heredia, Ernesto Palafox, Carlos Muñoz e Antonio Silva. Os demais fugiram para os Estados Unidos e contra eles foram remetidas ordens de prisão por violação das leis de neutralidade.⁵¹ Na Sierra de los Ajos, Sonora, Domingo J. López pegou em armas. Seu grupo se uniu às forças do chefe insurrecto Arturo López e no dia 26 de fevereiro, “as armas liberais entraram em Fronteras”.⁵²

No estado de Chihuahua, a coluna de Alanís estava a 60 milhas de Ciudad Juárez. Essa guerrilha, apesar de seu isolamento, venceu significativas batalhas contra as tropas de Díaz. Outra força revolucionária de primeira importância era a de José de la Luz Blanco. Com ele participavam as colunas pelemistas de Leónidez Vásquez, Cenobio Orozco e Luis García. Segundo Ricardo Flores Magón, “Blanco odeia os personalismos e por essa razão luta com os liberais”.⁵³ Igualmente, numa nota do *Los*

47 Portilla, *op. cit.*, p. 508.

48 Ricardo Flores Magón, “*A pesar de las traiciones, la revolución netamente liberal sigue ganando terreno*”, em *Regeneración*, Núm. 26, 21 de fevereiro de 1911.

49 *El Imparcial*, 22 y 26 de fevereiro de 1911.

50 *Idem.*

51 Comunicado do cônsul de Phonix, Arizona, ao cônsul de Tucson, Arizona, em 6 de março de 1911, em BMLT, A.88675, T. XXXVI, V. 2; o comunicado informava que Rosendo A. Dorame “[...] é bem conhecido nesta [Tubac, Arizona] onde foi filiado a um clube socialista” e foi integrante da equipe de redação do semanário *La Unión Industrial*, periódico da seção número 272 dos Industrial Workers of the World. Existem alguns exemplares de *La Unión Industrial* no referido arquivo.

52 *Idem.* Aguilar Camín sustenta que em janeiro de 1911, no distrito de Moctezuma, Adalberto Trujillo e Lorenzo Hurtado, prisioneiros de 1906 por conta de seus nexos com o magonismo, realizavam propaganda antiporfirista, conseguindo influenciar os “voluntários” das tropas federais. (Aguilar Camín, Héctor, *La frontera nómada: Sonora y la Revolución Mexicana*, Siglo XXI Editores, 1977, México, p. 137).

53 Ricardo Flores Magón, “*A pesar de las traiciones...*”, *op. cit.*; Flores Magón refere-se a uma série de fricções entre Abraham González e Blanco, que reconheceu a autoridade do “governador provisional” de Chihuahua. *El Imparcial*, 3 e 16 de março de 1911, informou sobre um esclarecimento de Pascual Orozco com respeito a Blanco, Silva, Soto, García e outros magonistas.

Angeles Times de 3 de março, considerava Blanco como um “liberal leader”.⁵⁴ No entanto, há informações que situam Blanco não entre os magonistas, mas entre os maderistas.⁵⁵ O que se verificou, por fim, é que Blanco combinou suas forças com colunas magonistas.

Sobre as atividades de José de la Luz Blanco é importante uma reflexão: Ricardo Flores Magón e os integrantes da Junta Organizadora usavam a informação a seu favor? Ou de fato José de la Luz teve ruzgas com Abraham González e se aproximou dos liberais? Durante o mês de março e abril, Flores Magón continuou contando Blanco entre os pelemistas. A maioria das forças políticas tendem a dar informações que as favoreçam e o PLM não é uma exceção. No entanto, no caso de Blanco é mais provável que isso apenas reflita uma situação singular: nessa primeira etapa da insurreição, as fronteiras dos dois bandos armados não estavam absolutamente definidas. Antigos liberais militavam, ajudavam ou entravam no movimento antirreelecionista; e maderistas de base simpatizavam ou colaboravam com os magonistas.

O mês de fevereiro é importante para os pelemistas por outra razão: a prisão das forças de Prisciliano G. Silva por Madero. Adiante falaremos mais, por ora nos ateremos às novas ordens militares que se originaram como produto desse fato. No dia 24, a Junta Organizadora do PLM publicou suas novas “Instruções Gerais aos Revolucionários”, que retificavam a cláusula onze das “Instruções Gerais” de 8 de janeiro de 1911, a qual se referia à colaboração militar entre maderistas e magonistas. Nas novas disposições, as guerrilhas liberais poderiam continuar tratando com “toda correção” as forças antirreelecionistas e procurar atraí-las pelo convencimento. Contudo, diferente das ordens anteriores, apontava: “Em nenhum caso se deverá combinar as forças liberais com as forças maderistas”.⁵⁶

No fim de fevereiro, segundo Flores Magón, havia colunas liberais em Chihuahua, Veracruz, Sonora, Oaxaca, Baja Califórnia, Coahuila, Tlaxcala e Morelos. No entanto, o dirigente anarquista não se enganava: “o movimento maderista, dizia, é relativamente importante, ao lado do movimento claramente liberal.”⁵⁷ Para o presidente da Junta Organizadora, tal fato se explicava pela consciência dos objetivos da luta, que

54 “Victories in Sonora”, *Los Angeles Times*, reproduzido em *Regeneración*, Núm. 26, 25 de fevereiro de 1911; James Cockcroft sustenta que Blanco que um veterano liberal (Cockcroft, *op. cit.*, p. 166-167).

55 A respeito ver o informe de José de la Luz Blanco de 8 de janeiro a 2 de abril de 1911, em Almada, Francisco R., *La revolución en el estado de Sonora*, INEHRM, 1971, México, p. 42-44.

56 Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano, “Instrucciones Generales a los Revolucionarios”, em *Regeneración*, Núm. 26, 25 de fevereiro de 1911.

57 Ricardo Flores Magón, “A pesar de las traiciones...”, *op. cit.*

tinham os homens que se incorporavam às fileiras liberais, enquanto nas fileiras maderistas estavam homens inconscientes, que buscavam uma transformação sem saber de que tipo, além dos oportunistas que aspiravam a cargos públicos. Essa formulação era, sem dúvida, limitada, e não aceitava que a batalha eleitoral havia concedido a Madero uma enorme legitimidade para derrotar Díaz. É claro que para além desses pontos, a coesão de interesses entre os antirreleicionistas era muito frágil.

Pois bem, três meses depois do início da revolução, Magón fez uma análise que se mostrou acertada sobre as tendências da imparável luta armada:

Tenhamos confiança no porvir. Essa revolução não é das que duram poucos meses. Essa revolução é das que duram anos; sim, longos anos para terminar; porque no fim ficarão frente a frente dois partidos históricos: o liberal e o conservador. [...] Pobres e ricos, estaremos de pé, frente a frente e com as armas na mão, quando Díaz rolar para o abismo arrastado pela avalanche revolucionária, e então começará a verdadeira revolução, a de fins sociais.⁵⁸

Março

Nos primeiros dias do mês, segundo o cônsul de Yuma, Arizona, “um grupo de rebeldes, que esteve em Campos, Rio Colorado, foi para Sonora”.⁵⁹ Essa guerrilha, composta por 37 mexicanos e 12 estadunidenses, chegou ao rancho La Colonia, onde apossou-se de armas e cavalos, e partiu para La Bolsa, sítio de propriedade do senhor Sandoval.⁶⁰ Neste estado havia “uma insurreição de cem cabeças”, afirmavam os magonistas: “na Sierra de los Ajos os liberais dominam, assim como em outras regiões do norte do estado.”⁶¹

Outra coluna liberal, a mando de Florencio Jaramillo, atuava nesse estado nortenho. Este grupo ácrata começou suas operações tomando o povoado de Las Cuevas. Depois ocupou Corral e Buenavista. As estações de Torres, La Dufa e Cabeça de Negro caíram nas mãos dos rebeldes. Neste último lugar, Jaramillo se encontrou com Rafael Oros (que dirigia um grupo de 30 rebeldes) e lhe providenciou 40 homens para atacar Lampazos. No entanto, com uma força de 75 insurgentes ele atacou Cucurpé e derrotou os federais.⁶² Após conquistar bons elementos de guerra, os liberais empreenderam marcha ao norte, chegando perto de Nogales. Segundo Ricardo Flores

58 *Idem*.

59 AHGE.LE-842.

60 AHGE.LE-842.

61 Ricardo Flores Magón, “A pesar de...”, *op. cit.*

62 Ricardo Flores Magón, “El territorio mexicano es un volcán. La revolución progresa en toda la línea”, em *Regeneración*, Núm. 30, 25 de março de 1911.

Magón, a coluna de Florencio Jaramillo “é agora uma das mais fortes e com ela conta o Partido Liberal Mexicano”.⁶³

Na primeira quinzena de março, continuava operando, na barra de Sierra de los Ajos, a guerrilha encabeçada por Domingos J. López, que desenvolvia uma campanha brilhante. Um grupo magonista atacou Sonaíta, Sonora.⁶⁴ Os guerrilheiros vinham da Baja Califórnia e “depois de roubar cavalos e selas deixaram o povoado por conta da aproximação dos guardas fiscais a mando do Coronel Emilio Kosterlitsky.”⁶⁵ Por esses dias, Primitivo Tinajero tomou, sem resistência das autoridades, o povoado de Socayen, no norte do mesmo estado. No dia 26 de março, a Junta Organizadora do PLM recebia o comunicado oficial da batalha de El Durazno, Distrito de Altar, Sonora. O documento, redigido no “Campo de Operações do Exército Liberal”, informava que no dia 24 de março aconteceu uma batalha entre 120 soldados federais e 26 liberais. Depois de seis horas de confronto, o político de Altar ordenou a retirada e fugiu. O comunicado de guerra concluía:

A bandeira vermelha se cobriu de glória e logo seremos donos do Distrito de Altar. Felicitemo-nos, companheiros, por essa vitória que veio da coragem dos soldados do proletariado.

Recebam nosso abraço fraterno.

Terra e Liberdade!

Francisco G. Reina, Primitivo Tinajero, José María Cardoza.⁶⁶

O antirreelecionista José de la Luz Blanco, numa combinação de forças com o liberal Domingo López, atacaram a cidade de Agua Prieta. Os cerca de 700 insurgentes não conseguiram tomar a cidade, mas ocasionaram numerosas baixas para as forças federais.⁶⁷ Na segunda quinzena desse mês, no povoado de El Sáric, Sonora, apareceu um grupo magonista. Um telegrama do general Luis E. Torres dirigido ao quartel general da Primeira Zona Militar e ao cônsul de Yuma, informava que os rebeldes

63 Ricardo Flores Magón, “Porfirio Díaz chora lágrimas de sangue convencido de sua impotência para dominar a rebelião”, em *Regeneración*, Núm. 28, 11 de março de 1911.

64 AHDN, XI/481.5/268, f. 292.

65 Portillo, *op. cit.*, p. 525.

66 “Parte oficial de la batalla del Durazno”, em *Regeneración*, Núm. 35, 29 de abril de 1911. Chama nossa atenção que nem Héctor Aguilar Camín nem Francisco R. Almada registrem as atividades das guerrilhas magonistas neste mês. Ainda que Almada afirme que passaram por El Sáric no fim de março.

67 Ricardo Flores Magón, “Cada día se hace más profundo el sepulcro de la tiranía”, em *Regeneración*, Núm. 29, 18 de março de 1911. Neste artigo Magón chama José de la Luz Blanco de ‘valoroso revolucionário liberal’. Com o passar dos meses, após o triunfo de Madero, este “valoroso liberal” seria um dos primeiros a lutar contra os magonistas.

seriam forçados a passar pelos aguaçais de Tula, Tinajas, Altar e Tecolote, por isso pedia que as forças estadunidenses vigiassem rigorosamente essas porções de seu território.⁶⁸

Por sua vez, Alanís informou a Junta Organizadora que nesses dias suas forças haviam crescido e somavam 300 homens bem montados e armados. De San Pedro Corralitos, Chihuahua, comunicava que sua tropa havia percorrido boa parte desse território e que a moral dos guerrilheiros estava em bom estado. Estes insurgentes, unidos às forças de José Inés Salazar, apoiaram o ataque de Madero a Casas Grandes, em 6 de março. O chefe antirreelecionista foi derrotado e saiu ferido. No fim da batalha, o magonista Luis García chegou a colocar-se à ordens de Madero.⁶⁹

No estado de Coahuila, as forças liberais também realizaram uma série de atividades militares. Mariano López Ortiz dirigia uma coluna ao sul de Jimulco.⁷⁰ No fim de março, essa guerrilha apareceu em Durango e tomou a fábrica La Concha obtendo armas, cavalos e dinheiro. Depois de celebrar com um baile sua “modesta vitória”, os insurgentes marcharam para Tortuguillas.⁷¹

Pedro Pérez Peña (participante da luta armada de 1908) encabeçava um grupo rebelde na Sierra del Burro, Coahuila. Estes guerrilheiros cruzaram desarmados o Rio Grande – para evitar serem presos por transgredir a lei de neutralidade – e se uniram aos liberais que atuavam previamente nessa região. Depois de chegar no território mexicano, atacaram o rancho Las Margaritas obtendo selas e armas. Em 25 de março atacaram a fazenda de San Carlos e obtiveram mais recursos de guerra. Segundo a carta que Pérez Peña enviou para a Junta Organizadora, nesta data os guerrilheiros somavam 150 homens.⁷²

Em Veracruz, a coluna liberal encabeçada por Ignacio Garrido Huerta tomou o povoado de Tlacolula, se apropriou dos fundos da tesouraria municipal e fez prisioneiro o secretário de gabinete. Com o objetivo de combatê-los, um grupo de federais saiu de Jalapa, e os guerrilheiros esperavam combates difíceis contra os “soldados da tirania”.

68 Almada, *op. cit.*, p. 45-46. AHGE.LE-842; informe do cônsul de Yuma, Arizona, sobre as recomendações do general Luis E. Torres, em AGN/RG. 4A 910-11 (8).

69 Almada, *op. cit.*, p. 200-201.

70 Segundo Ricardo Flores Magón, na guerrilha de Mariano López, “lutam liberais firmes que não se venderam ao maderismo corruptor, suas façanhas são dignas de aplauso por sua valentia e também pela bondade que ao mesmo tempo mostram.” Ver *Regeneración*, Núm. 29, “Cada día...”, *op. cit.*

71 Ricardo Flores Magón, “El territorio mexicano es un volcán”, em *Regeneración*, Núm. 30, 25 de março de 1911.

72 Antonio de Pío Araujo, “La bandera roja triunfa en el Álamo”, em *Regeneración*, Núm. 31, 1 de abril de 1911.

Uma guerrilha de 30 magonistas realizou um ataque falido a Tecate, Baja Califórnia, no qual morreram sete revolucionários, entre eles seu chefe Luis Rodríguez, em 16 de março. Os sobreviventes cruzaram a fronteira com os Estados Unidos. Dias depois, Berthold e Leyva atacaram novamente esse lugar, mas foram rechaçados.⁷³ No dia 27 de março, 200 revolucionários liberais tomaram El Álamo, Baja Califórnia, após uma difícil caminhada que começou em Tecate. Depois de trocar tiros com os federais, os soldados do 8º batalhão finalmente fugiram e os liberais conquistaram a localidade. Neste combate, Simón Berthold foi ferido de morte.⁷⁴

As operações militares que estavam ativas, é preciso dizer, não refletiam a real situação do Exército Liberal Mexicano. Ele estava profundamente dividido. Depois da conquista de Algodones, realizada sem a autorização de Leyva, começou uma disputa pela direção do exército. Com base nas “Instruções Gerais”, estipuladas pela Junta Organizadora do PLM, foi realizada, em 4 de março, uma eleição para nomear uma nova chefia militar. O candidato favorito de William Stanley e de numerosos estrangeiros, José Cardoza, derrotou Leyva. O chefe liberal, desgostoso dos resultados, ordenou a Berthold desarmar o grupo de Cardoza e expulsar Stanley para os Estados Unidos.⁷⁵ Cardoza e mais 47 rebeldes partiram para Sonora e uniram-se aos maderistas. Na presença de J. K. Turner aconteceu uma segunda votação na qual Leyva e Berthold voltaram a perder. Eles prometeram aceitar os resultados, mas não cumpriram, e a chegada de cerca de 100 novos guerrilheiros permitiu a eles manter sua autoridade. Stanley visitou a Junta Organizadora em Los Angeles e recebeu a nomeação de comandante da “Legião Americana” ou “Legião Estrangeira”, designação que em vez de melhorar a coesão, só fez aprofundar a luta interna.⁷⁶

Neste mês, Antonio de Pío Araujo saiu da cadeia de Leavenworth, Kansas, onde esteve preso acusado de violar as leis de neutralidade por sua participação na revolta de 1908.⁷⁷ Deixava para trás mais de dois anos de prisão e imediatamente se uniu aos trabalhos da Junta Organizadora do PLM. Ao velho ácrata foi pedido que, junto a Pedro Perales, percorresse várias regiões para impulsionar os trabalhos do partido. Ele chegou

73 *El Imparcial*, 25 de março de 1911.

74 AHDN, XI/481.5/11, f. 169-171.

75 Taylor, op. cit., p. 88; véase también *El Imparcial*, 7 y 9 de março de 1911.

76 Taylor, op. cit., p. 88-89; ver también AHGE.LE-652. Por sua parte, o cônsul de San Francisco, Califórnia, recomendou a captura do “consumado pícaro John Kenneth Turner” ao passar a linha da fronteira; telegrama do dia 9 de março a Salado Alvarez, em AGN/RG. 4A 910-11 (8).

77 Desde janeiro o cônsul de El Paso, Texas, tinha ordens das autoridades mexicanas para vigiar Araujo – e seu companheiro Jesús María Rangel – assim que foram soltos (AHGE.LE-677).

na Baja Califórnia para inspecionar as forças insurgentes, investigar as causas da derrota em Tecate e promover a coesão – sem êxito – dos chefes rebeldes da península.

O número de guerrilhas anarquistas tinha crescido, ainda que menos do que as maderistas. Algumas controlavam territórios e seu aporte para a revolução era importante. Os liberais realizavam o seguinte balanço de suas forças:

Em seis meses de trabalho desde que saímos do presídio, o Partido Liberal, composto de trabalhadores e pessoas pobres, organizou o brilhante movimento que despedaçou as forças de Rábago e de Vega, em Chihuahua e na Baja Califórnia, levando os sicários da ditadura no estado de Chihuahua a comerem pó, com suas façanhas fez tremer o despotismo na costa de Veracruz, e colocou em conflito as autoridades federais no norte de Oaxaca, também ameaçou ocupar toda Baja Califórnia, colocando em cheque as forças da ditadura em Morelos, em Chihuahua, em Sonora, em Durango. E fez tudo isso no meio da mais espantosa miséria. E tudo isso aconteceu pela abnegação dos lutadores liberais. Porque essa abnegação? Porque os liberais não lutam para exaltar nenhum amo, mas pela redenção da classe trabalhadora.⁷⁸

De fato, o balanço era favorável à bandeira vermelha. Contudo, havia uma informação preocupante: o governo dos Estados Unidos resolveu destacar 10mil soldados para a fronteira além de vários barcos de guerra aos portos do Golfo e do Pacífico. Um despacho do jornal *The Arizona Democrat* afirmava: “*Mobilization Mens. Possible intervention*”. O presidente Taft, por sua parte, dizia que a movimentação buscava por fim às obstruções e à entrada de armas e homens pela fronteira internacional.⁷⁹ A Casa Branca admitiu, segundo *El Imparcial*, estar incomodada pelas atividades dos “revoltosos mexicanos” na Baja Califórnia. O presidente estadunidense disse ao embaixador mexicano em Washington que a operação militar podia produzir um “efeito moral conveniente” sobre os “sediciosos na fronteira”.⁸⁰

De acordo com os liberais, a movimentação de tropas, autorizada pelo presidente Taft, tinha a clara intenção de ameaçar as forças libertárias na Baja Califórnia e aproveitar qualquer provocação para consumir uma invasão ao México. Viam, assim, confirmado o perigo de incursão que haviam denunciado meses atrás, e contra a qual haviam construído a Liga Anti-intervencionista. Os pelemistas afirmavam que caso se concretizasse a ameaça, a luta do povo mexicano pela sua liberdade econômica “atrasaria até não se sabe quando, se formos dominados pelo capitalismo estrangeiro em

78 Ricardo Flores Magón, “El rebaño inconsciente se agita bajo el látigo de la verdad”, em *Regeneración*, Núm. 27, 4 de março de 1911.

79 *The Arizona Democrat*, 10 de março de 1911, em BMLT, A. 88675, T. XXXVI, V. 2.

80 *El Imparcial*, 8 y 11 de março de 1911.

uma guerra de conquista”.⁸¹ Por essa razão, os insurgentes tinham ordens precisas de atirar contra as tropas estadunidenses tão logo cruzassem a fronteira, e de lutar até morrer.

Os magonistas exortavam assim o povo estadunidense:

Leva a mão ao teu coração povo cego, consulta tua consciência povo narcotizado com o “dólar” e os “business”; deixa de pensar na enganosa tranquilidade que espera ter com a poupança; afasta de ti a ideia de fazer milhões, pois somente pelo crime é que se pode ser milionário [...] pensa no teu porvir. Todo mundo te joga na cara os atentados do teu governo [...] teus amos são os que abusam e você é quem sofre os ódios, a universal aversão.⁸²

Abril

Porfirio Díaz assinalou no seu informe presidencial:

[As condições favoráveis da região montanhosa de Chihuahua e] a cooperação eficaz que receberam os rebeldes em homens e em recursos de guerra, por parte do estrangeiro, assim como de um grupo de mexicanos que há anos conspira não somente contra o atual governo mas contra toda ordem social, explicam facilmente porque a revolta vem se estendendo por quase todo o estado de Chihuahua e por vários pontos de Sonora e Durango [...] Na Baja Califórnia há um movimento de outro caráter, causado por grupos comunistas em que figuram muitos flibusteiros americanos com o fanático projeto de formar uma república socialista. Tão nefasto propósito não pode provocar menos do que a mais grande indignação no país [...].⁸³

O velho ditador não se equivocava ao assinalar que as “bandeiras comunistas” efetuavam um movimento de “outro caráter”, dirigido contra “toda ordem social”, com a finalidade de fundar uma nova sociedade mexicana livre da exploração e da autoridade, mas não uma república socialista na Baja Califórnia. No que diz respeito ao qualificativo de flibusteiros, o velho regime e a imprensa utilizavam-no para referirem-se a todos os estrangeiros que lutavam nos exércitos insurgentes.⁸⁴ Além disso, como assinala Taylor, “é difícil qualificar, possivelmente com exceção de Pryce, James e alguns outros, nem aos *wobblies* nem a outros voluntários estrangeiros liberais como

81 Ricardo Flores Magón, “*Atila a las puertas de Roma*”, em *Regeneración*, Núm. 28, 11 de maro de 1911; ver também AHGE.LE-953.

82 Flores Magón, “*Atila a las puertas de Roma*”, op. cit.

83 Porfirio Díaz, Informe Presidencial de 1 de abril de 1911, em *El Imparcial*, 2 de abril de 1911.

84 *El Imparcial*, 2 de março de 1911, por exemplo, informou sobre os “flibusteiros americanos junto ao grupo de Pascual Orozco”. Igualmente, realizou acres comentários sobre os “flibusteiros americanos que Madero contratou a dez pesos” e aos quais prometeu terras (13 de abril de 1911); a acusação de flibusteiro era uma manobra de desprestígio do antigo regime contra os opositores.

‘flibusteiros’. Nem os *wobblies* nem os soldados de fortuna nem quaisquer voluntários estrangeiros se uniram às forças liberais com o propósito preconcebido de conquistar a península da Baja Califórnia e anexá-la aos Estados Unidos”.⁸⁵

No primeiro dia, Araujo comunicou que a coluna liberal de Francisco López, participante do movimento insurrecional de 1906, tomou o povoado de Tlalixioyan, Veracruz.⁸⁶ Na mesma data, pegaram em armas Blas Vásquez, Ignacio Rivas, Antonio Echazarreta, Zacarías Flores, Domingo Rodríguez e Gabriel Tijerina no rancho de Tehuachal, próximo ao povoado de Matamoros, Tamaulipas. Os insurgentes distribuíram o “Programa do Movimento do Partido Liberal Mexicano no Estado de Tamaulipas”. Afirmaram que não baixariam as armas até que a terra estivesse nas mãos dos habitantes daquele território; não reconheciam a propriedade dos terrenos da Companhia Agrícola do Rio Bravo, S.A., conhecida como “La Sauteña”, nem a concessão de águas do Rio Bravo, outorgada pelo governo Díaz, e afirmaram que as terras da companhia eram produto de desapropriação, por isso teriam que ser restituídas a seus legítimos donos. Igualmente, propunham combater “o ágio, o pauperismo e a carestia de artigos de primeira necessidade” e “exigir a multiplicação de escolas laicas antes de qualquer outra medida deste Programa”.⁸⁷

O *Regeneración* do dia 8 informava que as praças de Cuautla e Jonacatepec caíram em poder dos revolucionários. “Este triunfo esplêndido – dizia Antonio de Pío Araujo – se deve às armas liberais”.⁸⁸ O certo é que as guerrilhas que atuavam em Morelos – e que começaram a reconhecer a autoridade de Zapata – não registram triunfos tão significativos. O que a imprensa noticiou foi que cidade de Cuautla esteve “ameaçada por sublevados” e a fazenda de Chinameca tinha sido atacada.⁸⁹ Tampouco conseguimos comprovar que algum grupo insurgente ativo nesses dias no estado sulista estivesse ligado organicamente aos liberais.⁹⁰ Apesar disso, existiam múltiplos vasos comunicantes entre os rebeldes camponeses e os anarquistas. Um de singular

85 Taylor, op. cit., p. 124.

86 Antonio de Pío Araujo, “La bandera roja...”, op. cit.

87 AHDN, XI/481.5/290, f. 97; ver também Sánchez Lamego, Miguel A., *Historia militar de la Revolución Mexicana en la época maderista*, T. II, INEHRM, 1977, México, p. 28-29.

88 Antonio de Pío Araujo, “La marcha ascendente de la revolución”, em *Regeneración*, Núm. 32, 8 de abril de 1911. Desde o mês de janeiro, Antonio I. Villarreal sustentava que “em correspondência que recebemos de fontes fidedignas, nos foi comunicado que os rebeldes de Cuautla seguem armados, operando com bom exército naquela região”. (“La insurrección es invencible”, em *Regeneración*, Núm. 21, 21 de janeiro de 1911).

89 *El Imparcial*, 30 de março de 1911.

90 Womack não registra no mês de abril nenhum vínculo orgânico entre os grupos rebeldes de Morelos e os liberais (Womack, John, *Zapata y la Revolución Mexicana*, Siglo XXI Editores, 1991, México, p. 78-81).

importância histórica foi a difusão da luta zapatista nas páginas do semanário magonista, que começou a registrar em 15 de abril os atos de Zapata, a quem definiu como “homem honrado, que não luta por ambições pessoais nem para enriquecer com o sacrifício dos demais, mas porque sabe quais são os direitos do povo”.⁹¹

A Junta Organizadora do PLM publicou seu “Manifesto aos Trabalhadores do Mundo todo”, em que assinalava que, como parte integrante da rebelião do povo mexicano participavam os “sustentadores de ideias modernas”: aqueles que não acreditavam que as “panaceias políticas” liberariam o proletariado do sistema assalariado, nem confiavam na bondade paternal do governo e tampouco na “imparcialidade das leis elaboradas pela burguesia [...], aqueles convencidos da ação direta, aqueles que desconhecem o sagrado direito de propriedade, aqueles que não empunharam as armas para exaltar nenhum amo, mas para destruir as correntes do salário”.⁹² Diferentemente dos anarquistas, agregava o manifesto, o Partido Antirreelecionista era claramente político e capitalista, e via na atividade libertária “um perigo para a sobrevivência da república burguesa”. A existência desses partidos garantia, a partir de seu ponto de vista, que após a queda de Díaz restariam frente a frente e polarizadas em “formidável luta” as duas classes sociais, “aquela de quem está em cima e aquela dos famintos”.

Para os liberais, a insurreição mexicana era apenas um ato da “grande tragédia universal”. Ela conquistava o que as revoluções políticas burguesas, por não despedaçarem a coluna vertebral do capitalismo e do autoritarismo, haviam sido incapazes: liberdade, igualdade e fraternidade. A revolução, ao ser cenário da luta de classes entre proprietários e despossuídos, era uma transformação de dimensões internacionais. Era isso que motivava o deslocamento de tropas estadunidenses.⁹³ É por isso que, de acordo com os pelemistas, existia o risco real de que os esforços do povo mexicano para emancipar-se fossem aniquilados “pela ação solidária da burguesia de todos os países do mundo”. Enquanto isso, questionava a Junta Organizadora, “o que os trabalhadores do mundo todo fazem?”. Os magonistas demandavam três coisas:

91 Enrique Flores Magón, “El movimiento avanza”, em *Regeneración*, Núm. 38, 20 de maio de 1911.

92 Junta Organizadora del PLM, “Manifesto a los trabajadores de todo el mundo”, em *Regeneración*, Núm. 32, 8 de abril de 1911. Neste manifesto se observava, entre outras coisas, a influência do anarcosindicalismo espanhol pela reivindicação da tática de ação direta, ainda que os magonistas adotaram como expropriação de terra no próprio ato da revolução. O manifesto foi traduzido para o alemão, francês, italiano, inglês, russo, português e hebreu.

93 Se levarmos em consideração a oferta do governo dos Estados Unidos de intervir na Baja Califórnia, é provável que os magonistas não tenha exagerado ao afirmar que a presença da “bandeira vermelha do proletariado” nos campos de batalha havia levado o governo daquele país a mobilizar suas tropas.

primeiro, e antes de tudo, protestos mundiais contra a intervenção das potências estrangeiras em assuntos mexicanos; em segundo lugar, difusão das doutrinas de emancipação social e, finalmente, apoio econômico para fomentar a rebelião. “Nossa causa é sua causa”, diziam aos trabalhadores do mundo e concluíam: “Compreenda o perigo em que nos encontramos diante de todos os governos do mundo, que enxergam no movimento mexicano a emergência da Revolução Social, a única que temem os poderosos da terra”.⁹⁴

O subsecretário de Relações Exteriores, Salado Álvarez, fez a seguinte recontagem das atividades magonistas na Baja Califórnia:

A situação no Vale de Mexicali não melhorou. A força do grupo de revoltosos deve ser de cerca de quatrocentos homens, divididos em vários grupos [...] A leste, em Algodones, se encontra o aventureiro William Stanley a frente de uns sessenta americanos, expedição independente da de Leyva e Berthold; a sudeste, perto das obras do Rio Colorado, ronda José Cardoza com uns cinquenta indivíduos; enquanto Berthold anda pelos lados do povoado de Álamo [...] Leyva, que esteve hostilizando um destacamento federal a mando do capitão Justino Mendieta, acampado em Tecate depois da derrota do grupo de facciosos que Luis Rodríguez enviou, se retraiu violentamente a Mexicali. Está, ao que parece, muito desgostoso do elemento americano em suas filas [...].⁹⁵

Stanley e Vázquez Salinas se desentenderam, o segundo ficou em Mexicali e Stanley foi atacar os federais na primeira semana de abril. Os magonistas tiveram vários mortos, entre os quais o próprio general William Stanley. Os rebeldes recuaram a Mexicali e não conseguiram desalojar os federais, que rumaram para as obras do Rio Colorado.⁹⁶ Posteriormente, as forças liberais foram deslocadas para reforçar a praça de Mexicali. Em 10 de abril, se nomeou, por votação, o chefe que substituiria Stanley. As nomeações ficaram assim: chefe superior, Rhyce Pryce; segundo no comando, Adrián M. López; como capitão La Clare e como tenentes Dunn, Hopkins e Smith.⁹⁷ No final

94 Junta Organizadora del PLM, op. cit.

95 Informe de Salado Álvarez ao subsecretário de Governo, 10 de abril de 1911. AGN/RG. 4a 910-11 (8). A derrota de Rodríguez e o fracasso de Leyva para recuperar Tecate, fizeram com que a Junta Organizadora do PLM enviasse Antonio de Pío Araujo para Mexicali como coordenador militar para destituir Leyva e substituí-lo por Francisco Vázquez Salinas. Leyva, desconcertado, abandonou a campanha liberal e se uniu aos maderistas (Taylor, op. cit., p. 89).

96 “Parte oficial de la batalla de la Mesa, al sur de Mexicali”, em *Regeneración*, Núm. 33, 15 de abril de 1911; ver também Taylor, op. cit., p. 90-91. Salinas declarou: “Eu adverti [Stanley] que seria uma loucura ir lutar, se tivesse permanecido aqui, os federais seriam obrigados a nos atacar em nosso próprio terreno. Só consenti que fosse depois que exigiu isso de mim”. (El Imparcial, 8 de abril de 1911).

97 Comunicado do Quartel General do Exército Libertário Mexicano na Baixa Califórnia, em *Regeneración*, Núm. 33, op. cit.

do mês, 126 magonistas encabeçados por Jack Mosby – que ocupou o lugar de chefe substituindo Berthold – assaltaram o racho Ojos Negros, o Vale de Guadalupe e ocuparam Tecate sem resistência.

En Coahuila, Pedro Pérez Peña informou que continuava suas atividades guerrilheiras a frente de seus 11 homens. Os rebeldes tinham um quartel na Sierra del Burro e diziam ter minado as entradas do lugar.⁹⁸

A coluna rebelde de Francisco Reina, integrada por 200 liberais, tomou Caborca, Sonora. Depois rumou para Altar, exigindo a rendição da força federal. Negada a exigência, inevitavelmente se deu a batalha. “Num lacônico telegrama de Guaymas – sustentava Araujo – ficamos sabendo que a praça de Altar foi tomada pelo companheiro Francisco Reina”.⁹⁹ Em povoados como Pitiquito e Caborca, no distrito de Altar, dizia-se que a bandeira vermelha havia sido fincada. Em 21 e 22 de abril, 100 magonistas dirigidos por Reina tomaram Pitiquito. Os revolucionários tiveram 10 mortos e 2 prisioneiros. Dias depois, o capitão Leal, chefe da guarnição de Altar, voltou a combatê-los e os afastou. Os guerrilheiros continuaram lutando nos arredores.¹⁰⁰

Florencio Jaramillo atacou e capturou, em 27 de abril, Sinoquipe, Sonora. Prendeu e fuzilou o prefeito, o juiz e dois policiais. A batalha foi encarniçada, pois de acordo com o informe militar, de 86 soldados federais, morreram 62; entre os liberais foram 39 baixas. “Três bandeiras vermelhas – sustentava o texto – flutuam neste momento no edifício municipal. Coletei cento e quarenta e cinco pesos e bastante armamento e mantimento”.¹⁰¹

No estado de Durango, a atividade revolucionária ganhava força. Os grupos rebeldes tomaram San Juan del Río, Victoria, San Dimas, Tepehuanes, Santiago Papasquiari, Cuencamé, SanJuan Guadalupe e outros povoados. “É importante notar – dizia Araujo – que as forças que tomaram Santiago Papasquiari e Tepehuanes são forças

98 “Parte militar desde el campo de operaciones”, citado por Antonio de Pío Araujo em “Vergonzosa derrota de Mayol”, *Regeneración*, Núm. 33, op. cit.

99 Antonio de Pío Araujo, “La bandera roja gana terreno”, em *Regeneración*, Núm. 34, 22 de abril de 1911.

100 Portilla, op. cit., p. 566-567. O autor registra uma rusga em Caborca, no dia 30 de abril. Contudo, sustenta que diante da chegada de reforços federais, os magonistas se retiraram e não tomaram a praça, como sugere a informação liberal. Não obstante, a data da informação de Araujo – 22 de abril – não coincide com a data que registra o autor de *Una sociedad en armas* (Portilla, op. cit., p. 575-576).

101 Informe militar reproduzido por Enrique Flores Magón, em “Viva la revolución social”, *Regeneración*, Núm. 37, 13 de maio de 1911.

liberais. Segundo o lacônico informe recebido, a bandeira vermelha foi hasteada em ambos povoados duranguenses”.¹⁰²

Em Jalisco, os liberais ocuparam o povoado de San Cristóbal de la Barranca. As tropas federais não opuseram resistência e as autoridades fugiram para Guadalajara. Os magonistas acreditavam que os grupos que atuavam próximo desta última cidade – como o que tomou San Cristóbal – eram de filiação liberal.¹⁰³ Em meados de abril, Casas Grandes, Chihuahua, foi evacuada pelo general Valdés e a localidade foi tomada pelos pelemistas Lino Ponce, Arturo de la Rosa, Porfirio Vega e Demetrio Ponce. Esses liberais também confiscaram utensílios de guerra dos ranchos de Luiz Terrazas.¹⁰⁴ Em Tabasco, mais de 1.000 magonistas e antirreelecionistas, encabeçados por Donato Padua, atacaram o engenho Tulipán. Depois do tiroteio, os rebeldes se retiraram para Aldama, onde se encontraram com o grosso das forças maderistas.¹⁰⁵ Na região de La Barrosa, Veracruz, quem combatia era o rebelde Pedro Carvajal.¹⁰⁶

Para os anarquistas, este mês fechava com um bom balanço militar: a bandeira vermelha conquistava adeptos e colhia triunfos em vários estados da República, as condições eram favoráveis para impulsionar a rebelião e obter preponderância na revolução. Além disso, os liberais receberam a boa notícia de que Jesús María Rangel, companheiro de presídio de Araujo, foi posto em liberdade. Rangel – como Araujo – havia sido condenado a mais de dois anos de prisão pela participação na revolta de 1908.

Os informes vagos sobre a existência de tratativas de paz entre maderistas e delegados de Díaz se confirmaram: em 23 de abril começaram as negociações de paz em Chihuahua.¹⁰⁷ Os liberais criticaram o fato de Madero firmar armistício com o governo porfirista e sustentaram que os magonistas permaneceriam irredutíveis. Para eles, o dilema estava dado: “Terra e Liberdade ou morte”. De fato, para os pelemistas, os objetivos da revolução, de obter terra e pão para todos os mexicanos não se cumpriu: não havia liberdade, justiça nem pão. Sobre isso, Ricardo Flores Magón afirmava:

102 Antonio de Pío Araujo, “Madero vacila, pero la revolución marcha”, em *Regeneración*, Núm. 35, 29 de abril de 1911.

103 Antonio de Pío Araujo, “Vergonzosa derrota de Mayol”, op. cit., e “Madero vacila...”, op. cit.

104 Antonio de Pío Araujo agregava: “assim que recebermos o informe oficial dessa conquista, colocaremos nossos leitores a par”. Nos seguintes números esse documento foi publicado: (“Madero vacila...”, op. cit.); Almada, op. cit., p. 219. Ponce registrou uma ata de ocupação em que anotou que os revolucionários que tomaram a praça se identificavam como “soldados liberais e antirreelecionistas”. (citada em Portilla, op. cit., p. 550-551).

105 Portilla, op. cit., p. 565.

106 AHDN, XI/481.5/311, f. 29-31.

107 *El Imparcial*, 24 de abril de 1911.

Enquanto Madero e os seus celebram suas conferências de paz, os liberais devem seguir a contenda. Nós não conhecemos nem reconhecemos esses tratados de paz. Nós, deserdados, não podemos entrar em compromissos com nossos verdugos. Tudo ou nada, dizemos. Terra e Liberdade ou morte, gritamos”.¹⁰⁸

Maio

Este mês começou com triunfos militares para os liberais. No dia 9, um informe de guerra assinado por Pryce informava que a Segunda Divisão do Exército Liberal Mexicano na Baja Califórnia, composta por 105 homens, havia tomado o povoado de Tijuana. O cerco começou no meio do dia 8 de maio e a praça caiu depois de oito horas de combate. Morreram sete guerrilheiros e os federais tiveram 14 baixas. Os magonistas obtiveram 100 rifles e abundante equipamento de guerra.¹⁰⁹ No dia 13 capturaram San Quintín e as autoridades temiam que Ensenada fosse o próximo objetivo militar.¹¹⁰

Entretanto, as pinças da justiça estadunidense começaram a se fechar em torno dos pelemistas. Em abril foram presos Antonio de P. Araujo e Norberto Amador quando entravam nos escritórios do jornal *Daily Chronicle*, de Caléxico, para se informarem de denúncias realizadas contra supostos liberais na Baja Califórnia. Norberto Amador foi libertado no dia 2 de maio e Araujo teve que esperar três dias mais para ver-se livre. No fim de abril, Francisco Vázquez Salinas, comandante em chefe das forças libertárias na Baja Califórnia, foi preso em Los Angeles, Califórnia, onde mantinha conversas com a Junta Organizadora para continuar a campanha anarquista em outros lugares do México.¹¹¹ Para a prisão, foi alegado supostos roubos de carga e um assassinato no México, e por isso se pediu a extradição. Substituindo Vázquez Salinas, os liberais da Baja Califórnia nomearam como chefe Francisco R. Quijada.¹¹²

108 Ricardo Flores Magón, “Explicación necesaria”, em *Regeneración*, Núm. 35, 29 de abril de 1911. Neste texto, sustenta que uma das razões por que Madero entrou em tratativas com a ditadura foi o “espanto” com que viu os progressos militares dos liberais. Além disso, em outro texto assinalava que: “O desalento se apoderou dos maderistas de boa fé por conta da covarde conduta de Francisco I. Madero, de entrar em compromissos com o tirano em vez de atacar resolutamente a praça de Juárez”. (“A los liberales”, em *Regeneración*, Núm. 35). Díaz mais adiante, Orozco e Villa, desobedecendo as ordens de Madero, atacaram a importante cidade.

109 “Parte oficial del combate y toma de Tijuana por la Segunda División del Ejército Liberal en la Baja California”, em *Regeneración*, Núm. 37, 13 de maio de 1911; também *El Imparcial*, 9, 10 e 11 de maio de 1911.

110 Informe do cônsul de San Diego, California, a Salado Álvarez, 15 de maio de 1911, em AGN/RG 4a 910-11(8).

111 AHGE.LE-842. O cônsul de San Diego, Califórnia, enviou a Salado Álvarez recortes do San Diego Union e o informava: “você verá a apreensão do dia 27, do bandido mexicano Francisco Vázquez Salinas (que foi expulso de Mexicali pelo chefe flibusteiro Pryce) em Los Angeles, Califórnia, por nosso cônsul Antonio Lozano [...]” (AGN/RG 4a 910-11 (8)).

112 “Francisco Vázquez Salinas preso”, em *Regeneración*, Núm. 37, op. cit..

Aproximadamente 70 insurgentes magonistas tomaram Santa Anna, Sonora, em 9 de maio. Dos soldados federais derrotados, 45 uniram-se ao exército insurgente. Dois dias depois, os liberais e os soldados federais se envolveram em uma escaramuça. Estes tinham ordens de se concentrar em Hermosillo, por isso partiram logo depois do tiroteio. Em Estación Llano, um grupo magonista bloqueou o caminho, os obrigando a lutar. Em 20 de maio, a guerrilha liderada por Francisco Reina conquistou a alfândega da fronteira de Sasabe, Sonora.¹¹³

Em Coahuila, Emilio P. Campa - chefe dos liberais desse estado - divulgou o seguinte documento:

PROCLAMA
MEXICANOS:

Contra as tiranias sustentadas pela força, é justo e necessário usar a mesma força para destruí-las.

Em vez de aceitar ser escravos, os povos devem fazer sua liberdade mesmo ao preço de seu sangue.

Amamos a liberdade. Temos vergonha de viver passivos enquanto os déspotas tiram todos os nossos direitos, nos saqueiam e vexam, enquanto os exploradores nos espoliam e zombam de nós; considerando indigno submetemo-nos à tirania política e exploração capitalista, nos propusemos a combatê-los com armas nas mãos, não reconhecemos o governo de Porfirio Díaz e proclamamos como bandeira e como guia dos nossos atos o Programa do Partido Liberal expedido pela Junta Organizadora do mesmo; cujas aspirações podem ser reduzidas ao seguinte: terra para todos, pão para todos, liberdade para todos.

Lutaremos até que consigamos a queda de toda tirania e exploração e vejamos nossos ideais realizados ou até morrermos no campo de batalha.

Durante a campanha, não reconheceremos mais autoridade do que a Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano.

MEXICANOS:

O dever chama a todos nós. Una-se a nós, não para levar um ambicioso ao Poder, não para jogar sobre nós o fardo de outro Porfirio Díaz, mas para conquistar a terra que nos pertence e que nos foi roubada há muito tempo. Junte-se a nós para conquistar a liberdade e o bem-estar que pertence a todos sem distinção ou favoritismo de qualquer espécie.

Venha se lembrar, com seus feitos, que vocês são descendentes dignos de mil heróis.

Responda com seu povo ao apelo por honradez e justiça. Venha e conquiste a liberdade econômica que nos dará a todos o que comer, o que vestir e onde morar, porque todos seremos donos de todo o produto de nosso trabalho. Junte-se ao Partido Liberal Mexicano e vamos todos lutar sob a gloriosa bandeira vermelha para conquistar o Pão, a Terra e a Liberdade para todos.

113 Enrique Flores Magón, “El movimiento avanza”, em *Regeneración*, Núm. 38, 20 de maio de 1911.

ABAIXO A TIRANIA! MORRA A EXPLORAÇÃO!
VIVA A LIBERDADE!
TERRA E LIBERDADE, Campo Geral de Operações, Sierra del Burro, Coah., Méx., a 20 de maio de 1911.
Chefe de armas em Coahuila.
EMILIO P. CAMPA¹¹⁴

Magonistas da Baja California trocaram tiros em Rancho Pascualito com as forças federais do Coronel Mayol, que se moveram para Ensenada com medo de um ataque liberal após a tomada de Tijuana.¹¹⁵ Nesse mesmo dia, 20 de maio, os pelemistas receberam reforços e informaram que haviam criado uma pequena biblioteca em Mexicali, “onde todos os que desejarem podem ir e se alimentar de bons ensinamentos”.¹¹⁶ Os líderes anarquistas decidiram que nos territórios da península sob seu domínio, os “ideais redentores” do PLM seriam colocados em prática e convocaram os deserdados a povoar essas regiões.¹¹⁷ “A Junta Organizadora - argumentavam – decidiu lançar esta convocatória para que os companheiros arrecadem dinheiro para pagar suas passagens e marchar para a Baja Califórnia afim de tomar posse da terra ”.¹¹⁸

No dia seguinte à convocação liberal, o delegado do governo porfiriano Francisco S. Carvajal e os revolucionários José María Pino Suárez, Francisco Vázquez e Francisco I. Madero, assinaram os Tratados de Ciudad Juárez. Estabeleceram a renúncia do presidente e do vice-presidente da República e a nomeação, como presidente interino, do Secretário de Relações Exteriores, Francisco León de la Barra, que deveria convocar novas eleições. Eles formalizaram o seguinte acordo: cessar as hostilidades em todo o território nacional entre as forças do governo e da revolução. Estas últimas seriam licenciadas à medida que se restabelecesse a tranquilidade e a ordem pública. Em 25 de maio, Díaz apresentou sua renúncia ao cargo de presidente constitucional e imediatamente se exilou.¹¹⁹

Na viagem da Cidade do México a Veracruz, o trem que transportava o general Díaz foi atacado por um grupo de insurgentes magonistas, que jogavam uma banana de dinamite, levantaram os trilhos e enfrentaram os soldados que escoltavam Díaz. Os

114 Emilio P. Campa, “Proclama”, em *Regeneración*, Núm. 39, 27 de maio de 1911.

115 Portilla, op. cit., p. 613; ver também *El Imparcial*, 27 de maio de 1911.

116 Enrique Flores Magón, “El movimiento avanza”, em *Regeneración*, Núm. 38, 20 de maio de 1911.

117 Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, “A tomar posesión de la tierra”, em *Regeneración*, Núm. 38, 20 de maio de 1911.

118 *Idem*.

119 Em sua renúncia, o inconsciente traiu o velho ditador: “[...] posso ser o culpado inconsciente [da revolução], essa possibilidade me torna a pessoa menos qualificada para raciocinar [sic] e decidir sobre minha própria culpa” (“Renuncia del presidente Díaz”, em Contreras, Mario, *México en el siglo XX, 1900-1913. Antología*, UNAM, 1990, México, p. 355-356).

liberais não estavam dispostos deixar que o ditador, que tanto fez o povo mexicano sofrer, saísse do país vivo. No entanto, o ex-presidente escapou do ataque. A imprensa estimou em vinte o número de mortos, três dos quais eram soldados federais.¹²⁰

A situação no país mudou radicalmente. 35 anos de ditadura ficaram para trás. Os magonistas lutavam há onze anos, desde que publicaram pela primeira vez o *Regeneración* e os Clubes Liberais foram formados. Agora os anarquistas viam o governo do antigo ditador ruir, mas, paradoxalmente, o sistema construído por ele permanecia de pé.¹²¹ Para a Junta Organizadora do PLM, a realização de novas eleições não resolvia o problema subjacente: as deterioradas condições de vida das massas camponesas e operárias. Os pelemistas não reconheceram - como já haviam anunciado - os tratados de paz, por isso não baixaram as armas. Para eles, Madero não era o representante da insurreição e, conseqüentemente, apelaram aos soldados maderistas para continuarem rebeldes, para ignorarem e se livrarem de seus chefes.¹²² Segundo os libertários, a revolução havia chegado a um ponto em que se deveria optar por um dos seguintes caminhos: aceitar que a revolução se degenerou num mero movimento político, deixando os pobres na mesma situação de exploração; ou transformá-la em uma verdadeira transformação econômica e social com o objetivo de tomar a terra e os meios de produção para entregá-los a todos os mexicanos.

Os liberais, de fato, permaneceram rebeldes. A utopia magonista continuaria armada, sobretudo de princípios, sonhos, símbolos e bandeiras. O Exército Liberal Mexicano concluiu a primeira etapa da revolução quase intacto. Seis meses depois de 20 de novembro, suas guerrilhas haviam colhido mais triunfos do que derrotas. Eles tinham mais experiência, melhor equipamento militar, novos grupos insurgentes e controlavam algumas regiões da República. É verdade que os magonistas não haviam conquistado a preponderância e a liderança nacional da luta armada, e que suas forças estavam divididas. No entanto, eles deram uma contribuição fundamental para a revolução entre novembro de 1910 e maio de 1911.

Agora, em 1906, os Magonistas haviam organizado 44 grupos insurgentes de tamanhos variados (compostos de 50 insurgentes em média, embora alguns chegassem a

120 *El Imparcial*, 28 de maio de 1911. Flores Magón reivindicou a ação liberal na que disse: “os nossos pereceram em grande número”. (“Las infamias de Madero y sus secuaces”, em *Regeneración*, Núm. 40, 3 de junho de 1911).

121 Segundo John Womack: "Poucas revoluções foram planejadas, realizadas e vencidas por homens tão uniformemente obcecados com a continuidade da ordem jurídica quanto os auto-representantes do Maderismo de 1910-1911" (op. cit., p. 88).

122 Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, “A los soldados maderistas y a los mexicanos en general”, em *Regeneración*, Núm. 39, 27 de maio de 1910.

200 ou 300 membros); em 1908 eles criaram aproximadamente 30 núcleos rebeldes.¹²³ De novembro de 1910 a maio de 1911, o Exército Liberal Mexicano tinha mais de 30 focos guerrilheiros em combate. Porém, neste último período - ao contrário dos anteriores - todos os núcleos insurgentes estavam em campanha, controlavam alguns territórios e, apesar de conflitos internos, estavam com a moral alta por conta da vitória contra Díaz. Em essência, a composição das guerrilhas permaneceu a mesma: eram voluntários da classe trabalhadora mexicana e estadunidense, camponeses, aventureiros, indígenas e intelectuais. A força armada liberal continuava a ser organizada em zonas e os voluntários elegiam seus chefes e subchefes (prática existente desde 1906). Essa última medida dava aos voluntários, segundo Hart, a “sensação de plena participação”. No entanto, a disputa pela liderança do exército libertário na Baja California mostrou que esse mecanismo era insuficiente tanto para garantir uma vida democrática interna, como para a eficácia militar, pois quando a luta pelo poder começava, o processo eleitoral dividia os comandantes e os levava a confrontos. No entanto, é interessante que os magonistas procuraram introduzir normas de funcionamento democrático em uma estrutura tão hierárquica por natureza, como um exército.

Durante a primeira fase da revolução, os guerrilheiros magonistas tiveram mais eficácia bélica do que em 1906 e 1908. Isso se explica em grande parte pelo inédito contexto político-militar. De fato, os mecanismos operados por Díaz haviam entrado em um estágio de crise política terminal e, com isso, seu sistema de espionagem. Este, além disso, também tinha outros dois inimigos para caçar, e sem dúvida isso reduzia sua eficácia na tarefa de destruir os rebeldes liberais. A situação de rebelião generalizada, por sua vez, facilitou e impulsionou a atividade das forças armadas anarquistas.

O Exército Liberal Mexicano não era um exército sólido, disciplinado e com canais de comunicação muito seguros. É possível afirmar isto pelo fato desta força militar exprimir as contradições internas do PLM, e também porque em inúmeras ocasiões suas unidades guerrilheiras não cumpriram as instruções da Junta Organizadora.

Mas o movimento liberal insurgente enfrentava um problema maior: a Junta Organizadora, e dentro dela alguns de seus membros, eram quem liderava a luta de guerrilha. É verdade que a Junta era a autoridade máxima do partido, mas poderia ela garantir a centralização e eficácia da luta armada fora do campo de batalha? E, em todo

123 Hart, John M., *El anarquismo y la clase obrera mexicana, 1860-1931*, Siglo XXI Editores, 1988, México, p. 121-135.

caso, por que a Junta Organizadora não se mudou para o México?¹²⁴ Do exílio, a liderança militar e a eficácia encontravam sérias limitações. No entanto, o problema não se reduz ao aspecto militar e não é possível acusar os integrantes da Junta de falta de coragem; era uma questão de concepção política. Segundo William C. Owen, editor da página do *Regeneración* em inglês desde 15 de abril de 1911, Ricardo Flores Magón tinha proposto unificar a opinião pública no México, América Central e do Sul, contra a invasão e criar nos Estados Unidos “um sentimento forte o bastante para manter em cheque a perpétua ameaça de intervenção”.¹²⁵ Para o dirigente liberal, este era o principal objetivo do *Regeneración*, e portanto uma tarefa essencial da Junta. E como só dos Estados Unidos a edição do semanário poderia ser garantida, Ricardo Flores Magón se opôs à transferência do jornal para o México, proposta formulada por Owen. O papel central que atribuíram à imprensa como instrumento organizador, difusor e agitador poderia, contudo, limitar alguns momentos e atividades da própria Junta.¹²⁶ Além disso, como vimos, na concepção magonista, uma invasão estadunidense enterraria as aspirações sociais da revolução. Lutar nessa frente de batalha era, portanto, essencial para eles.

GRUPOS REGENERACIÓN

Um dia antes do início da revolução, nos escritórios do *Regeneración* recebia-se uma boa notícia: o Departamento De Correios considerou que o semanário revolucionário “cumpre os requisitos legais para circular pelo correio como artigo de segunda classe e, pelo mesmo motivo, concede a respectiva autorização”.¹²⁷

Passaram-se três meses desde que o editor da publicação, Anselmo L. Figueroa, havia solicitado o registro para circular como artigo de segunda classe, o que reduziria

124 Há autores que refletem sobre essa questão em outro período, quando Zapata convidou os magonistas para editar o *Regeneración* em território Zapatista, em 1914; ver Gilly, Adolfo, Armando Bartra, et al., *Interpretations of the Mexican Revolution*, Nueva Imagen, 1981, Mexico, p. 36, 94.

125 Abad de Santillán, op. cit., p. 91-92.

126 De acordo com Bartra: “Definitivamente, a forma 'iskrista' de consolidar uma força revolucionária, aplicada a um país esmagadoramente camponês em que, de doze milhões e meio de habitantes, apenas um milhão e setecentos mil sabiam ler e escrever, foi quase fatalmente destinada a ser reduzida à consolidação de uma base social operária e pequeno-burguesa de caráter urbano. E esta limitação - que aliás também estava presente nos bolcheviques - torna-se uma crise quando o processo assume a forma de uma prolongada guerra camponesa. Esta situação enfrentada pelos magonistas em 1911, e para a qual não encontraram alternativa, não aconteceu com os bolcheviques [...] Só o maoísmo, muitos anos depois, enfrentará com sucesso o desafio ante o qual estavam os 'iskristas' mexicanos de Flores Magón”. (“La Revolución Mexicana de 1910 en la perspectiva del magonismo”, em *Interpretaciones*, op. cit., p. 96).

127 Comunicação do Departamento de Correios, Washington, citada em “Regeneración no morirá”, *Regeneración*, Núm. 13, 26 de novembro de 1910.

custos e facilitaria a distribuição. A boa notícia foi avaliada pelos liberais como um triunfo do editor e da ajuda solidária dos sindicalistas, socialistas e jornalistas estadunidenses, que por diversos meios pressionaram para que os Correios concedessem a permissão.¹²⁸

Para promover a distribuição do jornal e obter recursos financeiros por meio de atividades culturais, foram organizados os Grupos Regeneración. No entanto, com o crescimento da revolução no México, essas associações se tornaram verdadeiras células da organização do PLM nos Estados Unidos. Se a imprensa magonista for revista, será observado um crescimento exponencial desses grupos, além do evidente espectro geográfico em que os liberais atuaram de forma pública.

Em 16 de outubro, o primeiro Grupo Regeneración foi instalado em Los Angeles, Califórnia.¹²⁹ De novembro a maio, aproximadamente 90 novos grupos foram formados nos estados do Arizona, Califórnia, Texas, Oklahoma, Florida e Novo México.¹³⁰ Este número revela uma influência importante sobre os trabalhadores mexicanos imigrantes ou nascidos nos Estados Unidos, mostra uma grande capacidade de organização diante das novas circunstâncias insurrecionais e um estado de espírito favorável à revolução entre os mexicanos-americanos.¹³¹

O objetivo inicial de divulgar o jornal nos Estados Unidos logo foi superado e novas tarefas foram incorporadas: apoiar a revolução, aumentar o quadro de membros do PLM, agitar e propagar o ideal liberal, obter fundos para a luta armada, impulsionar a organização sindical e a luta contra o intervencionismo dos EUA. Além da grande capacidade de organização, esses dados expressam algo mais importante: o movimento liberal no México e nos Estados Unidos teria sido impossível sem aquelas centenas de lutadores anônimos e abnegados que formavam os Grupos Regeneración.

Os desconhecidos militantes formaram toda uma rede de apoio e difusão das tarefas e das concepções pelemistas. É provável que o sucesso nesta área organizacional explique o crescimento da circulação do Regeneración: em abril, segundo William C.

128 *Idem*.

129 “En pro de Regeneración”, em Regeneración, Núm. 8, 22 de outubro de 1910.

130 A seção intitulada “A favor do Regeneración” divulgou a formação de novos Grupos Regeneración, o número de seus membros, seus compromissos políticos, suas taxas de colaboração e suas atividades. A informação da presente seção está baseada na sequência dessa mesma seção no jornal ácrata, a partir do número 8 (22 de outubro de 1910) ao número 39 (27 de maio de 1911).

131 Acreditamos que os Grupos Regeneración fizeram parte das instâncias organizacionais, junto com os sindicatos, por meio dos quais os magonistas influenciaram os chicanos. Sobre a hipótese de influência liberal entre os chicanos, ver Ward S. Albro, entrevista em La Jornada, sábado, 27 de dezembro de 1997.

Owen, circulavam 27.000 exemplares, além de uma lista de troca de 600 a 700 jornais dos mais diversos locais.¹³²

Agora, a julgar pelos dados de sua fundação, os Grupos Regeneración eram compostos por homens e mulheres assalariados, em sua maioria, mas com recursos econômicos limitados. Vários deles eram ex-simpatizantes ou membros dos liberais que foram para o exílio entre 1904-1905. Também eram formados por sindicalistas mexicanos que viviam naquele país desde antes da chegada desses exilados.¹³³

Em suma, os novos grupos revelaram que os liberais haviam estabelecido raízes profundas entre os imigrantes mexicanos e eram, de fato, um símbolo de luta, como indicam os nomes de seus grupos: “Práxedes G. Guerrero”, “William Stanley”, “Juan Sarabia”, “Simón Berthold”, entre outros.

AS TRAIÇÕES DE MADERO E DE VÁRIOS LIBERAIS

Como apontamos no capítulo anterior, a relação entre antirreelecionistas e liberais era mais complexa do que a simples oposição entre partidos. Muitos liberais se juntaram às fileiras antirreelecionistas para apoiar a candidatura de Madero, e outros colaboraram com eles de várias maneiras no campo de batalha. Entre novembro de 1910 e maio de 1911, os ex-pelemistas que pegaram em armas sob as ordens dos maderistas ou que coordenaram ações com seus grupos armados foram, entre outros, Juan Cuamatzin e Máximo Rojas em Tlaxcala; Rafael Tapia, Hilario C. Salas e Cándido Aguilar em Veracruz; Luis A. García, Heliodoro Olea, Eligio Hernández e Alanís em Chihuahua. Lázaro Gutiérrez de Lara e Antonio I. Villarreal, dirigentes do PLM, romperam publicamente com os anarquistas da Junta Organizadora do partido e se juntaram aos maderistas, como veremos adiante.

O relacionamento, porém, não parou por aí. Entre 8 e 18 de janeiro de 1911, realizou-se uma série de conversações entre os maderistas, representados por Abraham González, e os liberais, liderados por Lázaro Gutiérrez de Lara.¹³⁴ Essas reuniões aconteceram em El Paso, no Texas, na casa de Lauro Aguirre e buscaram - segundo o

132 William C. Owen, citado em Abad de Santillán, op. cit., p. 91-92; no entanto, tudo parece indicar que, paradoxalmente, a circulação no México foi reduzida.

133 Entre os sindicalistas, destacou-se Antonio B. Velarde, membro do Grupo Regeneración de Los Angeles, Califórnia, e membro da International Union of Cigarmakers of America desde 1901, da qual foi seu presidente e secretário.

134 AHGE.LE-624, AHGE.LE-625 e AHGE.LE-677. Segundo o cônsul de El Paso, Lázaro Gutiérrez de Lara participou das conversas como representante de Ricardo Flores Magón.

cônsul daquele lugar - a fusão dos dois partidos. Esta tentativa não teve sucesso e foi acordado apenas cooperar no campo de batalha.¹³⁵

Madero, com um mandado de prisão em seus calcanhares, cruzou a fronteira com o território mexicano em 14 de fevereiro.¹³⁶ O cônsul de El Paso, Texas, informou ao Ministério das Relações Exteriores que Francisco e Raúl Madero, Abraham González, Gutiérrez de Lara, Soto e Alanís estiveram em Guadalupe, Chihuahua, no dia 16 de fevereiro.¹³⁷ De fato, no dia 15 daquele mês, Madero havia chegado àquela cidade, que estava no poder do grupo de guerrilheiros liberais liderado pelo velho Silva.

Na véspera, Silva escreveu ao presidente da Junta Organizadora que havia recebido uma comunicação assinada pelo general em chefe do exército maderista, de seu quartel em Zaragoza, Chihuahua, pedindo-lhe que lhe fornecesse carros e cavalos, pois sua força militar estava em más condições e temia ser atingido por soldados federais. Madero estava viajando nessa coluna.¹³⁸ O guerrilheiro liberal mandou o primeiro capitão Lázaro Gutiérrez para fornecer todo tipo de ajuda aos antirreelecionistas.

Silva, em uma nova carta a Flores Magón, relatou: “Hoje, 15 de fevereiro, o senhor Francisco I. Madero chegou a esta [Guadalupe, Chihuahua], acompanhado pelo general em chefe do exército de Madero, senhor José de la Luz Soto e sua importante coluna. A ajuda que dei ao senhor Madero e sua força foi eficiente porque graças a isso ele conseguiu viajar evitando cair nas mãos dos federais”.¹³⁹ Naquele dia, Silva fez uma visita ao líder revolucionário para “parabenizá-lo por ter se salvado de cair nas mãos dos federais”.¹⁴⁰

No dia seguinte, Madero exigiu que Silva o reconhecesse como presidente provisório da República. Diante da recusa do guerrilheiro, Madero mandou prendê-lo junto com suas tropas. Ele os despojou de suas armas, provisões, cavalos, carroças de

135 Este acordo, como vimos anteriormente, já era uma decisão da Junta Organizadora e constava de suas “Instruções Gerais” de 8 de janeiro de 1911.

136 AHGE.LE-677.

137 *Idem*.

138 Ricardo Flores Magón, “El rebaño inconsciente...”, op. cit.

139 *Idem*. Por outro lado, *El Imparcial* informou, em 16 e 24 de fevereiro de 1911, a presença de Madero em Guadalupe, Chihuahua.

140 Madero e Silva tratavam-se como amigos. De fato, os dois revolucionários se conheciam desde 1906. No dia 24 de setembro daquele ano, Silva esteve na casa de Madero, em San Pedro de las Colonias. Madero havia chamado Silva para participar de um movimento que estava organizando em seu estado contra Díaz. Silva era desde então um membro ativo do Partido Liberal e não escondeu de Madero sua filiação. Este último, que havia rompido os laços com os exilados, retirou o convite que fizera a Silva. Ver Ricardo Flores Magón, “El rebaño ...”, op. cit.

transporte, em suma, de todos os seus recursos de campanha.¹⁴¹ Nesta ocasião, Lázaro Gutiérrez de Lara e sua coluna do Terceiro Grupo da Confederação dos Grupos Revolucionários do Norte, passaram para o lado maderista.

Dada a gravidade dos acontecimentos, a reação do presidente da Junta Organizadora só poderia ser enérgica: acusou publicamente Madero de traição. O atentado traiçoeiro, destacou, deveu-se tanto aos seus interesses pessoais de buscar ascensão à Presidência da República, quanto a interesses de classe, isso o levou a buscar a destruição das forças armadas liberais a fim de assumir o campo de batalha e eliminar aquela arriscada concorrência.¹⁴²

Madero respondeu às acusações do presidente da Junta Organizadora. Depois dos habituais adjetivos pessoais, chamou “Don Ricardo Flores Magón [...] de demagogo infame e hipócrita”; e assinalou: “na minha gestão [...] não entrará nenhuma das loucuras que integram o programa Flores Magón [...]”. Referiu-se ao *Regeneración*, que anos atrás ajudara financeiramente, “como uma calúnia que espalha o terror em todas as casas”, insultando todos aqueles que não atendiam às demandas de Flores Magón. E concluiu: “Por tudo isso, resolvi declarar que estou totalmente distanciado dos redatores do *Regeneración* e, no momento oportuno, ordenarei que os tribunais do governo provisório ajam contra os que fazem circular essa infame publicação”.¹⁴³

As reações à acusação de traição foram rápidas. Para alguns, a denúncia enfraqueceu o movimento revolucionário.¹⁴⁴ Para outros, Flores Magón ajudou a abrir os olhos de muitos que se deixaram enganar por Madero e demarcou os campos revolucionários. A respeito das objeções do primeiro grupo, Flores Magón argumentou que nenhuma boa causa é prejudicada pela verdade, mas sim pela mentira. Para Magón:

Esconder a infame traição de que o companheiro Prisciliano G. Silva foi vítima pelo novo tirano, seria ecoar a infâmia; seria sancionar, com silêncio, o crime cometido [...] O que diriam os nossos camaradas de armas se não os avisássemos do que aconteceu? Não

141 Ricardo Flores Magón, “Francisco Madero es un traidor a la causa de la libertad”, em *Regeneración*, Núm. 26, 25 de fevereiro de 1911; y también AHGE. LE-677.

142 Ricardo Flores Magón, “Francisco I. Madero es...”, op. cit. Ver também *El Imparcial*, 24 e 28 de fevereiro de 1911.

143 *El Imparcial*, 10 de março de 1911. Madero, em abril, disse à imprensa que não queria nem falar dos magonistas, “porque são pessoas com quem não gosto de ter relações. Fizeram-me a honra de insultar-me nos seus termos habituais, e assim me obrigam ao silêncio, único meio de que disponho para responder aos seus insultos”(citado em Portilla, op. Cit., p. 300).

144 “Protesta contra las imputaciones de Ricardo Flores Magón al gran demócrata Francisco I. Madero”, *El Paso*, Texas, 28 de fevereiro de 1911, in AHGE.LE-669. Segundo os autores, o protesto foi assinado por mais de 2.000 pessoas. Para estes: “A personalidade do Sr. Francisco I. Madero nos momentos históricos atuais não é discutível ...”.

seriam eles os primeiros a nos acusar de traidores quando se vissem esmagados pela traição de Madero, por não saberem que tipo de canalha é esse? E não iria o povo em geral, mais cedo ou mais tarde, fazer-nos acusações justificadas por não termos desmascarado a tempo o lobo que se disfarça de carneiro? Não ajudaríamos o proletariado a confundir-se e a ver o seu libertador em Madero, quando ele nada mais é do que o seu futuro carrasco, se as massas inconscientes derem o seu sangue para o exaltar?¹⁴⁵

A traição de Madero - como os magonistas a chamaram - marcou a ruptura definitiva de uma embrionária, contraditória e ambígua colaboração entre liberais e antirreelecionistas no campo de batalha.¹⁴⁶ Em Guadalupe, Chihuahua, houve uma ruptura violenta entre a corrente burguesa da revolução e a corrente anticapitalista e libertária. A partir de então, apenas a amargura e o confronto armado prevaleceriam entre as duas tendências.¹⁴⁷ E não poderia ser diferente: os antirreelecionistas não exigiam colaboração, mas sim submissão ao Plano de San Luis e, portanto, à investidura de Madero como presidente provisório. Os magonistas, por sua vez, embora não recusassem alguma cooperação no campo de batalha, estavam determinados a ser independentes, a promover a autonomia dos camponeses e operários com relação à direção burguesa representada por Madero, e a buscar a implantação de seu projeto libertário de país. Desse modo, as forças sociais e políticas mais importantes da oposição – embora com diferentes projetos nacionais e de classe – se dividiram não no final da revolução contra Díaz, mas no início.

O fato de Lázaro Gutiérrez de Lara ter ingressado nas fileiras maderistas revelou publicamente as enormes diferenças entre os socialistas e anarquistas do PLM. A corrente liderada por Gutiérrez de Lara e Antonio Villarreal representava outra concepção política, outra forma de conduzir o partido na conjuntura nacional. Para os socialistas, não bastava a colaboração circunstancial no campo de batalha, miravam a consolidação de uma política de alianças com os antirreelecionistas, o que, na prática,

145 Ricardo Flores Magón, “El rebaño inconsciente se agita bajo el látigo de la verdad”, em *Regeneración*, Núm. 27, 4 de março de 1911. Como já assinalamos, em decorrência dessa ruptura, os magonistas modificaram suas instruções militares e concordaram em não unir suas forças com os insurgentes maderistas.

146 Apenas nove meses depois, Zapata acusaria repetidamente Madero, no Plano Ayala, de trair os objetivos da revolução.

147 De acordo com James Cockcroft, “[...] Madero na pior das hipóteses se permitiu ser salvo pelo PLM e por Silva, e depois se voltou contra eles, ou, na melhor das hipóteses, simplesmente declarou guerra tanto ao PLM quanto a Díaz. Em qualquer um dos casos, o que estava em jogo, pelo menos a nível ideológico, era uma guerra civil entre as coligações concorrentes dentro do campo antiporfirista” (op. Cit., P. 169)

geraria uma fusão para que houvesse apenas um exército revolucionário.¹⁴⁸ Os objetivos da luta armada, por sua vez, devem limitar-se à conquista das liberdades democráticas que lançarão as bases de uma futura luta socialista. Com isso, os convertidos ao maderismo contradiziam duas teses centrais magonistas: a primeira, que a insurreição política contra a ditadura de Díaz se articulava com a revolução econômica contra o capitalismo porfiriano; segundo, que a autonomia do proletariado em relação à direção burguesa maderista deveria ser mantida. Gutiérrez de Lara e Villarreal, ao reconhecerem a direção de Madero, estabeleceram uma política de alianças subordinadas ao que até então chamavam de partido da burguesia. Como se pode perceber, os magonistas não podiam aceitar uma aliança que significasse a subordinação, diante da direção maderista, do PLM e das classes sociais que ele buscava emancipar, e nem a subordinação do seu projeto libertário de país ao Plano de San Luis.

O PLM viu sua liderança e o número de membros diminuir - já que com Villarreal e Gutiérrez de Lara a base militante próxima a esta tendência deixou o partido - e perdeu, como veremos mais tarde, as suas relações com os socialistas norte-americanos e com Eugene Debs em particular. A luta entre socialistas e anarquistas também revelou alguns elementos da vida interna do PLM. Desde 1908, dentro da Junta Organizadora, os socialistas foram deslocados das decisões político-militares fundamentais (eles, por exemplo, não foram informados do levante armado de 1908). Nesse sentido, o nível mais alto de liderança do PLM estava centralizado na fração anarquista. Esta situação gerou uma crise diante das reflexões divergentes sobre o momento histórico, e revelou a ausência de mecanismos adequados para discutir as diferenças dentro do partido. A centralização da vida política da Junta Organizadora, e de todo o PLM, ficou clara na eleição de seus novos membros (Anselmo L. Figueroa e Antonio de Pío Araujo), já que sua integração ao órgão máximo do partido não seguiu quaisquer regulamentos internos. Nesse aspecto, o PLM era, infelizmente, semelhante a

148 Em 8 de abril, Villarreal assinou, junto com outros socialistas, liberais e antirreelecionistas, um manifesto “aos liberais mexicanos”. Neste documento, desconheciam a Junta Organizadora do PLM por sua “política absurda e antirrevolucionária nas últimas semanas”. E acrescentaram: “Consideramos os antirreelecionistas como nossos irmãos [...] pelas semelhanças, já que não idênticas aspirações [...] Na atualidade [...] não deve haver mais do que dois exércitos: o exército do despotismo e o exército libertador [...] a restauração da Constituição de 1857; a liberdade de falar, de escrever, de organizar os trabalhadores em sindicatos de resistência [são] liberdades fundamentais que devem servir de base inabalável para a emancipação definitiva do proletariado. O Plano [...] também garante importantes reformas agrárias [...] por meio da distribuição de terras e sua irrigação” (citado em Portilla, op. Cit., p. 298-299; ver também AHDN, BNM, Mss., CPM, V, 2325).

todos os demais partidos: funcionava com hábitos e práticas não escritas e com uma vanguarda interna.

Apesar das novas instruções liberais para não ajudar os maderistas, vários guerrilheiros não souberam dessas novas ordens ou decidiram ignorá-las. Entre estes estavam as colunas de Alanís, Salazar e Luis García. Segundo Almada, no início de abril em Casas Grandes, Chihuahua, surgiram fortes desentendimentos entre Madero e os dirigentes guerrilheiros da afiliação magonista que o apoiavam. O chefe antirreelecionista havia nomeado Luis García o principal fornecedor de suas forças revolucionárias. Em 13 de abril, García, Alanís e outros liberais foram ao povoado de Casas Grandes afim de proverem-se de roupas. Neste local, pelo calor das bebidas, dedicaram-se a torcer por Madero, Orozco e o PLM, e Alanís pegou parte das provisões para os seus homens. No dia seguinte, Madero destituiu Garcia. Ressentidos, os dirigentes liberais Alanís, García, José C. Parra, Salazar, Leónidez Zapata, Tomás Loza, Ventura Cereceres, Félix González e Santiago Pacheco, como “representantes do Partido Liberal Mexicano no exército revolucionário”, afirmaram que “em vista do desprezo e da discriminação com que eram tratados nas fileiras, e caso não se declarasse a legalidade do partido, e no campo militar ele fosse respeitado em igualdade de condições, seriam forçados a se retirar”.¹⁴⁹ Eles garantiram a Madero que, se o pedido não fosse concedido, “nós o concederemos a nós mesmos e o consideraremos mais tirano do que o próprio Diaz”.¹⁵⁰ Madero julgou o pedido como insubordinação e pediu a Orozco que chamasse os líderes liberais. Ordenou ao Coronel Francisco Villa que desarmasse os homens que obedeciam aos pelemistas. O presidente provisório prendeu e encarcerou os liberais, que enviaram uma segunda nota a Madero. Ele respondeu acusando-os de forjar uma divisão em seu exército. Sustentava ainda:

O fato de vocês terem colocado em si o distintivo vermelho e feito o mesmo com seus soldados, é por mim considerado, desde já, como um ato de rebelião contra meu governo, porque se o partido liberal, ou melhor dito socialista, de que vocês fazem parte, eu o reconheço como um partido político militante, e respeito o direito dele tanto quanto de seus membros, por nenhum motivo posso reconhecer o direito de beligerância na luta atual, menos ainda a vocês que foram oficiais de meu exército e reconheceram meu governo.¹⁵¹

Os chefes magonistas foram conduzidos ao presídio municipal de Ciudad Guerrero. No caminho, Alanís e Salazar escaparam e, uma vez na prisão, os liberais

149 AHDN, BNM, Mss, CPM, V, 2326.

150 Almada, La revolución en el estado de Chihuahua, op. cit., p. 220-221.

151 *Idem*.

restantes fizeram o mesmo. Assim, sem disparar um único tiro, a força de várias centenas de pelemistas foi derrotada, vítimas de sua própria confusão política. Para Flores Magón, este novo ato de traição apenas ratificou sua convicção de que “Madero quer o extermínio total do exército liberal”.¹⁵²

Como observamos anteriormente, em abril os maderistas iniciaram negociações de paz com os delegados do governo. Nesta fase das negociações, um dos aspectos que incomodou os representantes governamentais, e também a imprensa, foi a existência de lideranças rebeldes independentes da direção de Madero. Diante dessa preocupação, José Vasconcelos declarou: “todos os rebeldes, com exceção daqueles que formam o grupo socialista na Baja California, reconhecem Madero como seu chefe. O governo provisório [...] não reconhece este grupo socialista ”.¹⁵³ Madero, por sua vez, respondeu às perguntas sobre sua capacidade de tornar a paz efetiva, assegurando que todos os revolucionários da República obedeciam às suas ordens e que os “malfeitores da Baja California” não tinham relação com seu partido. O chefe antirreelecionista acrescentou o seguinte aviso: “Pode ser que esses indivíduos continuem com seus crimes por algum tempo sem dar ouvidos ao acordo de paz; mas vou ajudar o governo a reprimir esses delitos e tenho certeza que o banditismo vai acabar logo”.¹⁵⁴ Para combater os bandidos, como chamou os revolucionários independentes, Madero prometeu a colaboração de “centenas de homens de suas tropas”.

Com a renúncia de Díaz no final de maio, o balanço de Madero sobre a nova situação histórica só poderia ser otimista. Emergiu como o líder triunfante da revolução que havia convocado. Em seis meses, disse Madero, “obtivemos uma vitória completa”. Os princípios que o levaram a pegar em armas haviam triunfado e com isso, argumentou, “garantimos o futuro da República sob um regime de liberdade absoluta”. No entanto, imediatamente anunciou que um desses princípios, a cláusula terceira do Plano de San Luis, não poderia ser cumprido integralmente, de forma que buscaria satisfazer os direitos violados através da via constitucional.¹⁵⁵

Os Tratados de Ciudad Juárez foram avaliados de forma diferente pelos liberais. Além do fato do acordo de novas eleições não resolver o problema da deterioração das condições de vida das massas pobres do campo e da cidade, eles argumentaram que,

152 Ricardo Flores Magón, “Francisco I. Madero escupe a la faz del proletariado”, em *Regeneración*, Núm. 34, 22 de abril de 1911.

153 *El Imparcial*, 6 de maio de 1911.

154 *El Imparcial*, 20 de maio de 1911.

155 Francisco I. Madero, “Manifiesto a la nación”, em *México en el siglo XX...*, op. cit., p. 358-361

com base nos acordos, forças combinadas de maderistas e soldados federais atacariam e tentariam esmagar os revolucionários anarquistas. Em Sonora, no final de maio, o ex-liberal e antirreelecionista convertido Francisco R. Velázquez aprisionou José María Cardoza e mais seis chefes magonistas que operavam no distrito do Altar. Ao se recusarem a reconhecer Madero como o chefe da revolução, eles foram fuzilados.¹⁵⁶ Em Chihuahua, o maderista José de la Cruz Sánchez surpreendeu e assassinou Antonio Carancho, que comandava uma coluna acrata nas proximidades de Ojinaga.¹⁵⁷ No planalto do norte, a guerrilha magonista comandada por Miguel R. González, formado por 20 rebeldes, foi desarmada pelo antirreelecionista Gabriel Márquez. Neste estado, soldados federais e maderistas avançaram sobre os pelemistas que atuavam nas redondezas da cidade de Chihuahua. Em Ciudad Juárez, foram presas mulheres liberais que distribuíram o manifesto da Junta Organizadora de 24 de maio. No dia 12 de junho, o coronel Tomás Urbina informou ao governador que havia prendido o magonista Pedro Dávila por promover agitação contra o novo regime. O major Maclovio Herrera libertou o rebelde Dávila, mas o general Emilio Madero ordenou sua recaptura.¹⁵⁸

O jornal *Regeneración* não podia circular em Chihuahua, mas agora por ordem dos revolucionários triunfantes. Várias crianças que distribuía o semanário em Ciudad Juárez foram presas e mandadas para o exílio nos Estados Unidos, e 2.000 exemplares foram apreendidos. Em Ojinaga, o delegado especial da Junta Organizadora, Fortunato Vázquez, cuja missão era distribuir o *Regeneración* e divulgar as ideias liberais, foi preso e fuzilado pelo antirreelecionista José de la Cruz Sánchez.¹⁵⁹

Em Coahuila, forças combinadas de maderistas e federais marchavam em direção a Las Vacas para atacar Emilio P. Campa. Ações semelhantes eram esperadas contra as guerrilhas magonistas em Tabasco, Guerrero, Jalisco, Tamaulipas, Sonora e Baja California. A situação era muito séria:

Do que se trata? [questionou a liderança anarquista] Se trata de suprimir o movimento verdadeiramente emancipatório do Partido Liberal mexicano [...], uma guerra de extermínio contra as forças liberais foi declarada pelos dirigentes maderistas em todo o país.

Isso não é uma tremenda traição ao movimento revolucionário? Será que o sangue proletário foi derramado para que alguns bandidos se aproveitem desse sacrifício? Esse grande movimento vai acabar em

156 Ricardo Flores Magón, “Las infamias...”, op. cit.; Héctor Aguilar Camín registra o fuzilamento de sete socialistas no distrito de Altar (op. cit., p. 163).

157 Ricardo Flores Magón, “Las infamias...”, op. cit.

158 Almada, op. cit., p. 265.

159 Ricardo Flores Magón, “Las infamias...”, op. cit.

uma farsa eleitoral? A vergonha acabou? Os rostos já não ficam vermelhos? Vamos tomar posse da terra e dos meios de produção levando cédulas eleitorais?

Soldados maderistas, apontem os rifles contra seus chefes e também contra os federais, ou vocês se contentam em se transformar, da noite para o dia, de soldados da liberdade em capangas dos déspotas?¹⁶⁰

A causa que levava os revolucionários triunfantes a se juntarem aos soldados da velha ditadura para declarar uma guerra de extermínio contra as forças libertárias, se explica, segundo a Junta Organizadora, pelo fato de os pelemistas buscarem a emancipação econômica dos trabalhadores do campo e da cidade. Tratava-se, então, de um motivo de classe.

Para os magonistas, o novo regime não era mais benevolente do que a velha ditadura. O número de homens presos, fuzilados e desarmados era significativo para um exército que - como o liberal - já estava em desvantagem militar. Somente nos desarmamentos de Silva, Alanís e Miguel González, em Chihuahua, os anarquistas perderam cerca de mil armas.¹⁶¹

Uma batalha desigual estava para se desenrolar. Na nova situação, os liberais teriam que enfrentar uma força militar superior e, além disso, legitimada pela vitória sobre Díaz.

*** Este texto é um capítulo do livro *Magonismo: Utopía y Revolución (1910-1913)*, de Rubén Trejo, publicado em 2005 pelas Ediciones Cultura Libre.**

**** Tradução: Júnior Bellé**

160 Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, “A los soldados maderistas y a los mexicanos en general”, em *Regeneración*, Núm. 39, 27 de maio de 1911.

161 Ricardo Flores Magón, “Las infamias...”, op. cit.